E10

ANO III NUM. 21

EDUCANDO

Revista

SOB OS AUSPÍCIOS

DA ASSOCIAÇÃO
DOS
PROFESSORES PRIMÁRIOS
DE
MINAS GERAIS

SETEMBRO-OUTUBRO 1942

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
N.º 527
Data 22-11-78
BIBLIOTECA

De FRANCISCO CAMPOS

O PROFESSOR NÃO PODE CONSIDERAR O CONHECIMENTO QUE TEM A TRANSMITIR 'A CRIANÇA COMO CAPAZ DE SE ORGANIZAR NO ESPÍRITO DESTA DA MESMA MANEIRA POR QUE SE ACHA ORGANIZADO NO SEU: AS NOÇÕES DO PROFESSOR SÃO NOÇÕES ADQUIRIDAS, AS QUE A CRIANÇA RECEBE SÃO NOÇÕES EM VIA DE AQUISIÇÃO, POSSIBILIDADES QUE SOMENTE SE TORNARÃO ATIVAS SE ENTRAREM EM CONTACTO COM OS SEUS INTERÊSSES, PORQUE, SO' POR MEIO DAS SUAS CONEXÕES E INSERIDA NO CONTEXTO APROPRIADO, A NOÇÃO ADQUIRE SIGNIFICAÇÃO. DAÍ O PRINCÍPIO ESTABELECIDO NO REGULAMENTO, COMO ORIENTAÇÃO INDECLINÁVEL DOS METODOS DE ENSINO, DE QUE AS LIÇÕES DEVEM SER CONDUZIDAS DE FORMA A SE MANTEREM AO NÍVEL DO DESENVOLVIMENTO MENTAL DAS CRIANÇAS, CORRESPONDENDO AOS SEUS INTERÊSSES ATUAIS, DE MANEIRA QUE POSSAM SER CONSIDERADAS, TANTO QUANTO POSSIVEL, COMO RESPOSTA ANTECIPADA OU COMO UMA SATISFAÇÃO 'AQUELES MESMOS INTERÊSSES.

A ÊSTE PRINCÍPIO SE FILIAM OS DOIS OUTROS QUE O REGULAMENTO, IGUALMENTE, CONSAGRA COMO INDECLINÁVEIS E EXECUTADOS, NÃO COM A PREOCUPAÇÃO DE QUANTIDADE DE NOÇÕES E CONHECIMENTOS A SEREM MINISTRADOS, MAS COM OS USOS DA VIDA, E SUA ORGANIZAÇÃO EM TÔRNO DOS CENTROS DE INTERÊSSE DA CRIANÇA, DE MANEIRA QUE O ENSINO NÃO SEJA UMA MEMORIZAÇÃO DE FATOS E DE DADOS DESCONEXOS, MAS A COMPREENSÃO DAS SUAS RELAÇÕES E DA IMPORTANCIA E SIGNIFICAÇÃO DE CADA UM NO CONTEXTO DAS LIÇÕES DEVEM SER TIRADOS, SEMPRE QUE POSSIVEL, DA VIDA ORDINÁRIA E EXPOSTOS EM TERMOS DA EXPERIÊNCIA INFANTIL.

OS PROCESSOS DE ENSINO NÃO PODEM CIFRAR-SE, IGUALMENTE, 'A MECANICA DAS RECITAÇÕES. UMA LIÇÃO NÃO PODE SER UM MONÓLOGO, PORQUE PRESSUPÕE DUAS PERSONAGENS: UMA LIÇÃO E' UMA COLABORAÇÃO, UM TRABALHO EM COMUM, UM ENTENDIMENTO RECÍPROCO, UMA COOPERAÇÃO DE INTELIGÊNCIAS.

EXPEDIENTE

"EDUCANDO"

Revista de orientação técnico-pedagógica

*

Direção e Redação
MARIETA LEITE
Rua Espírito Santo, 1836
Fone — 2-1231

Gerência
LEONILDA S. MONTANDON
ZEMBLA PINHEIRO CHAGAS
Rua Bernardo Guimarães, 2200
Fone — 2-0267

Colaboradores diversos

*

Assinatura (12 ns.) . . . 24$000
Assinatura especial para sócios da Associação . 18$000
Número avulso . . . . . 2$500

*

Caixa Postal, 354
BELO HORIZONTE

SUMÁRIO

DE FRANCISCO CAMPOS 509

UM PONTO FUNDAMENTAL DO CATECISMO — — Valeca Paixão 511

FUNDAÇÃO DE UM CENTRO CÍVICO — Maria A. Ferreira Malta 512

RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS — (*Notas tiradas de "A Nova Metodologia da Aritmética", de Thorndike*) 514

A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NA ESCOLA PRIMÁRIA — (*Trabalho do Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento e apresentado por HAYDÉE DE CASTRO*) 517

BALADA DA CHUVA — J. G. de Araújo Jorge . 522

LONGE, NO CÉU DISTANTE — Murilo Araújo . 523

A FADA DAS CRIANÇAS 523

CLUBES DE LEITURA — Anita Fonseca 525

VAMOS FAZER NOSSA HORTA — Daniel Antipoff 529

A INSTRUÇÃO TÉCNICA PROFISSIONAL EM REGIME DE INTERNATO 532

DÊMOS ASAS AO BRASIL — (*Palestra pronunciada na P. R. I. 3*) — Leonilda Montandon . . 533

O AUTOMÓVEL E O CARRO DE BOI — Afrânio Peixoto 535

MOBILIZAÇÃO ESPIRITUAL — (*Palavras pronunciadas na P.R.I.-3*) — Marieta Leite 536

INFORMAÇÕES — *O Balão dirigível da aranha* 538

IMPRESSA NA
GRAFICA QUEIROZ BREINER LTDA.
AV. AFONSO PENA, 351 — BELO HORIZONTE

UM PONTO FUNDAMENTAL DO CATECISMO

Valesca PAIXÃO

E' ponto essencial de uma verdadeira educação cristã ensinar a veneração aos ministros de Deus, para que Êles tenham na Igreja o lugar que lhes compete, e glorifiquem ao Senhor, levando-lhe grande número de almas.

Muitos dos católicos que tão facilmente se desligam da Igrega e se afastam dos Sacramentos, começam com o menosprezo, ou a ignorância do caráter sacerdotal.

E' claro que o respeito ao Clero se forma, como tôdas as convicções e atitudes, pelo conhecimento, pela compreensão, pelos atos.

Se queremos, pois, como é nosso dever, formar cristãos verdadeiros, devemos incutir nas crianças o respeito ao Sacerdote.

Não a tal Sacerdote, mas ao Sacerdote.

Entretanto, o Ministro de Deus, para os pequeninos, é o Padre Fulano, Vigário de Sua Paróquia, ou da Paróquia onde se acha o Grupo.

As lições devem ser concretíssimas. E' preciso que o menino veja, pela deferência das mestras, que o Padre não é um homem como outro qualquer.

E' preciso que êle tenha ocasiões frequentes de ver o Sacerdote, para que essas impressões se repitam. E' preciso que tenha a impresão — tão verdadeira, aliás, de ser o Padre nosso melhor amigo.

O Grupo o convida para as suas festas.

E' Êle quem nos dá os maiores bens: a amizade com Deus, pela instrução e os Sacramentos, e o proprio Deus, pela Eucaristia.

Quando ensinamos a vida de Jesus, é tão facil lembrar que os Padres lhe continuam a sagrada missão.

Cada lição sobre um Sacramento póde ser, ao mesmo tempo, uma lição sôbre o sacerdócio.

Ensinando a Igreja, nada melhor do que concretizá-la em seus Pastores. E para que a lição não seja vaga e de rara aplicação, vamos ensinar essas múltiplas provas de respeito e afeição, que alimentarão as disposições interiores: beijar a mão do Padre, cumprimentá-lo em público, gostar de falar-lhe, de ajudá-lo (convidando os colegas para a missa, o catecismo, as pregações; chamando o Sacerdote para ver um doente; rezando pelo Sacerdote...)

Quando as crianças vivem assim, num ambiente de respeito e estima ao Sacerdote, como deveria ser o de uma Escola cristã, não lhe virá nunca à idéia censurar o Sacerdote ou zombar dêle.

As lições de Nosso Senhor "Quem vos ouve, a Mim ouve". "Quem vos despreza, a Mim despreza" se gravarão facilmente em seus corações.

Êles saberão ser gratos de modo especial, a Nosso Senhor por êsse dom inestimável da instituição do Sacramento da Ordem.

Buscarão os tesouros da Igreja nas mãos de seus legítimos depositários. E isso será a maior das garantias de sua salvação.

Por isso mesmo, ensinar o respeito e a estima ao Sacerdote é dever imperioso da Professora católica.

E quem escandalizar um dêstes pequeninos que creem em mim, melhor lhe fôra que lhe atassem á roda do pescoço a mó que um asno faz girar, e que o lançassem ao mar.

"Do Evangelho de S. Marcos".

FUNDAÇÃO DE UM CENTRO CÍVICO

Maria A. Ferreira MALTA
DIRETORA EM JUIZ DE FORA

"Consoante o pensamento do Governo de Minas e de acôrdo com as normas gerais estabelecidas pelo Sr. Secretario da Educação, as quais veem presidindo às comemorações cívicas nos estabelecimentos de ensino do Estado, recomendo aos responsáveis promoverem as solenidaes comemorativas de ..
.....

Mais do que nunca, recomendações com esta do Chefe do Departamento de Educação, teem uma comprovação positiva da disposição firme e decisiva de nossas escolas em demonstrar seu elevado grau de sentimentos cívicos, em flamejante eclosão na hora que passa. Assim, e ainda de acôrdo com o decreto n.º 4.101, de fevereiro de 1942, do Exmo. Sr. Presidente da República, o Grupo Escolar Duque de Caxias de Juiz de Fora — inaugurou, a 5 de setembro, seu Centro Cívico. Organizou, para isso, um auditório festivo com a apresentação da revista infantil "Sinfonia do Brasil", idealizada e ensaiada, a convite desta diretoria, pela Socializadora da Escola Normal Oficial — prof. Tita Ferreira — com os acompanhamentos ao piano pela prof. do grupo Leda Letayf. Tomaram parte nesta revista cívica cerca de 150 alunos dos que frequentam o estabelecimento, na seguinte distribuição:

1.º QUADRO

Locutor — Atenção... Vamos ver passar as crianças que seguem para a escola.

(*A prof. de canto toca a Marcha dos anões e as crianças (dos 1.ºs anos), de pasta, entram marchando, espalham-se pelo palco, cantando*):

Eu vou, eu vou
A' escola p'ra estudar
Meus livros, cuidadinhos, — Bis
Sempre vou levar
Eu vou, eu vou
Sempre pontuais
A' escola nós devemos ser,
E' preciso tudo aprender
E quando o sino badalar,
Na escola eu já devo estar
Pontual, devo ser
Trabalhar, com prazer,
Eu vou,eu vou.

(As crianças saem novamente cantando e marchando)

2.º QUADRO

Locutor — Eu estou ouvindo uma cousa...

Ah! Já sei o que é. E' um batalhãozinho lindo que sabe cantar cousas bonitas. SÃO OS FUTUROS SOLDADOS DO BRASIL.

(*Entram os soldadinhos marchando e cantando: "Marcha, soldado" letra e música de Eustorgio Wanderlei, distribuem-se pelo palco. Terminado o canto, um aluno se destaca do batalhão e declama o inspirado soneto do poeta mineiro Heli Menegale — especialmente escrito para esta solenidade*):

SOLDADO DO BRASIL

O soldado é da pátria a sentinela.
Armado de coragem sobranceira,
Esteja no seu quartel ou na trincheira,
Pelo seu povo noite e dia vela.

Mas a coragem dele ainda é mais bela
Se a sua velha terra é a terra brasileira
E à frente lhe tremula uma bandeira,
Toda estrelada, azul, verde e amarela!

Soldado do Brasil! Arde a metralha?
Ronda o inimigo a pátria estremecida?
Corre a enfrentá-lo,toma o teu fuzil!

Se tombares no campo de batalha,
Tu sentirás que é pouco uma só vida
para a perderes pelo teu Brasil!

(*Novamente os soldadinhos marcham e saem cantando: Marcha, soldado*)

3.º QUADRO

Locutor — Sentido! Vai desfilar o Brasil!

(*Entram 22 crianças representando os Estados do Brasil. Distribuem-se pelo palco e cantam, a 2 vozes (auxiliados por outras que lhes ficam atrás) a música de Vila Lobos, letra dePaula Barros: "Desfile dos Heróis do Brasil!" Em seguida, cada criança recita uma quadra alusiva ao Estado que representa, findo o que declama o*

Locutor:

Aqui, ei-los reunidos,
Pedaços d'alma queridos,
Formando um todo viril!
Assim fortes e irmanados,
Nunca serão separados
Portanto — Viva o Brasil!

(*Permanecem os "Estados" no palco e continúa o*

Locutor:

Agora, aí vem ela, a nossa bandeira, a mais linda bandeira do mundo.

Ei-la (*Abrem alas as crianças*)

Saudemo-la! Saudemo-la, como a saudou o sr. Governador Benedito Valadares.

(*Entra o Pavilhão Nacional com a respectiva guarda, e a aluna que representa Minas Gerais declama expressiva página do Sr. Governador do Estado. Entoam as crianças finalmente, a marcha animalíssima de Nássara e Frazão — "Sabemos lutar".*

Fortes aplausos entrecortaram o desenrolar da revista cívica.

Dedicada, como foi, a "Hora Cívica" ao Sr. General Pedro Cavalcanti e à oficialidade da 4.ª Região Militar, tivemos a honrosa presença desta brilhante figura representativa do glorioso Exército Brasileiro, de sua valorosa oficialidade, do D.D. Sr. Prefeito Dr. Rafael Cirigliano, de autoridades eclesiásticas e pessoas gradas — havendo assim a solenidade decorrido com o máximo brilho e o mais intenso entusiasmo cívico.

Exatamente no dia escolhido para a fundação de nosso Centro Cívico — o da Juventude Brasileira — foi mudada, por decreto do Sr. Governador, a denominação do grupo escolar Umberto Primo para Duque de Caxias. O acêrto desta medida dispensa qualquer comentário. Pois, nehum outro nome poderia honrar mais nosso Grupo Escolar do que o do Pacificador, justamente por que foi na semana dos festejos comemorativos da revolução de 1842, que, contra nossa vontade, fomos arrastados à guerra. Além disso, o culto a Caxias é muito espontâneo, muito vivo, e muito sincero no coração de todos os brasileiros.

Com estas palavras, na qualidade de diretora do estabelecimento, concitei aos presentes que saudássemos, de pé, com uma fervorosa salva de palmas, o ato do Chefe Executivo Mineiro.

Programa a que obedeceu a solenidade.

1.ª PARTE

I — Abertura da sessão.
II — Palavra da diretora — Maria Ferreira Malta.
III — Palestra cívica pela prof. Edith de Castro.
IV — Leitura de uma página do chefe de educação, Dr. Eliseu Laborne Vaz, do Departamento de Educação, pela prof. Erotides Andrade.
V — Revista cívico-infantil — por numeroso grupo de alunos.

2.ª PARTE

(elementos estranhos ao Grupo, especialmente convidados a participar da Hora Cívica).

I — Guarani — Ao piano, o maestro Reinaldo Andrade.
II — Terra Mineira — poesia pela autora Arlete Correia Neto.
III — Brasil — de Ronald de Carvalho —declamação por Auxiliadora Magalhães Gomes.

RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS

— Notas tiradas de "A Nova Metodologia" da Arithmética", de Thorndihe.

Requisitos necessários á organização dos problemas de aritmética.

Os novos métodos de ensino estabelecem um padrão mais elevado para a escolha de problemas.

Todo problema deve de preferência:

1 — versar sôbre situações que apresentem toda probabilidade de ocorrer muitas vezes na vida real;

2 — tratar essas situações de modo por que o seriam na vida prática;

3 — apresentá-las sob uma feição nem muito mais difícil, nem muito mais fácil de entender do que o seriam se a própria realidade as apresentasse aos sentidos dos alunos;

4 — despertar o mesmo grau de interêsse que acompanha a resolução dos problemas que se lhe deparam no curso real de suas ocupações...

SITUAÇÕES PRESENTES, SITUAÇÕES IMAGINADAS PELOS ALUNOS E SITUAÇÕES ENUNCIADAS POR OUTREM

Os problemas da vida giram, na maioria dos casos, em tôrno de situações ou fatos da vida real, presentes aos olhos do indivíduo; em alguns outros, em tôrno de questões que a pessoa põe para si mesma, em relação com necessidades passadas ou planos futuros; em poucos casos, em tôrno de questões propostas por outrem. Na proporção em que logramos fugir a essas limitações, apresentando, efetivamente, a situação enunciada, não só estaremos mais seguros de preparar para a vida, como mais facilmente conseguiremos ensinar os alunos a obterem soluções certas.

Há três elementos principais a considerar na solução de um problema:

1 — a compreensão exata da questão;

2 — o conhecimento dos fatos que se devem utilizar para solucioná-la;

3 — o uso dêsses fatos em corretas relações aritméticas.

Quando as situações reais estão presentes e, por assim dizer, definem a questão, parece não existir dificuldade com respeito à primeira das três condições acima, e, relativamente pouca em relação às outras duas. Quando os alunos estão brincando de "armazém" com gêneros e dinheiro, ou empenhados no arranjo do jardim da escola ou em construir o campo de "baseball" ou discutindo a vitória de um partido em um jogo qualquer, estão, aprendendo, sem grande dificuldade, a usar eficientemente a sua inteligência. As situações reais auxiliam a tornar claro o problema e impedem que os alunos cometam muitas tolices.

Quando o aluno se propõe uma questão em conexão com experiências passadas, ou planeja para o presente ou para o futuro (por exemplo quando faz cálculos sôbre o que vai necessitar para tomar parte em uma excursão ou durante quanto tempo terá de economizar, regularmente, para obter a soma indispen-

---

IV — Canto de amor — de Olegario Mariano — por Tita Ferreira.

V — Caxias — poema pelo autor capitão Venturelli Sobrinho.

VI — Discurso do homenageado Sr. General Pedro Cavalcanti.

VII — Palavra livre.

VIII — Hino Nacional, por todos os presentes.

Destarte, ficou inaugurado festivamente o Centro Cívico, do Grupo Escolar "Duque de Caxias" visando aos objetivos seguintes:

I — "Despertar a veneração dos grandes mortos e o entusiasmo pelos grandes feitos da história nacional.

II — Afervorar o amor dos ideais nacionais e o interêsse pelos problemas do país.

III — Suscitar a prática firme e constante das virtudes patrióticas."

sável à aquisição de certo objeto para cuja compra conta já certa quantia), é possível que o seu processo de raciocínio não seja tão facilmente estimulado e guiado, como quando a situação lhe está ferindo os sentidos; mas será provavelmente, muito mais ativo e pronto para a correção do que se o problema fôsse formulado por outra pessoa.

Muitas das dificuldades que os alunos sentem em aprender e os professores em ensinar a resolver problemas apresentados estão em palavras divorciadas de situações reais. As tarefas isoladas, impostas artificialmente, oferecem muito menor probabilidade de predispor o aluno a interessar-se pelo problema e pela sua solução.

As dificuldades que obrigam a vencer, são até certo ponto, de valor negativo, visto que na vida, a questão é, em geral, formulada pelo próprio interessado e o problema se apresenta numa situação total, num conjunto de circunstâncias que o ajudam e guiam na solução. Por isso os problemas impostos pela vida são mais faceis que os problemas impostos pelos livros.

De posse dessas verdades irretorquíveis, os novos métodos procuram:

1.° — oferecer situações reais ou projetos, de onde surjam naturalmente os problemas.

2.° — estimular o aluno a identificar-se com a pessoa que o problema apresenta em ação ou a planejar.

3.° — expurgar os problemas de dificuldades (quando é de todo impossível oportunizar uma situação real e conseguir despertar o senso de participação pessoal) de vocabulário, de construção ou resultantes da falta de experiência dos alunos relativamente aos fatos enunciados.

Se podes crer, tudo é possivel ao que crê.

"Do Evangelho de S. Marcos"

ESCOLARES!

FAÇAM SUAS COMPRAS NA CASA QUE, ALÉM DE OFERECER OS MELHORES PREÇOS DA PRAÇA, POSSUE O MAIOR STOCK DE ARTIGOS DE PAPELARIA DO ESTADO DE MINAS.

OLIVEIRA, COSTA & CIA.

FUNDADA EM 1886

AV AFONSO PENA 1050 — FONES 2-1607 e 2-3016

CAIXA POSTAL, 14 — BELO HORIZONTE

INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA

Prof. Hilton Rocha

Livre docente de Clínica Oftalmológica das Faculdades de Medicina das Universidades do Brasil e de Minas Gerais

Dr. Pinheiro Chagas

Oto-rino-laringologista do Instituto Raul Soares e do Hospital São Francisco de Assis

CONSULTAS DIÁRIAS DAS 3 ás 6 - EDIFICIO CINE BRASIL

SALAS 608 A 614 - TELEFONE, 2-3171

DR. LUCAS M. MACHADO

Ginecologia-Obstetrícia

RUA SÃO PAULO, 692 — TELEF. 2-1697

LABORATORIO VERITAS

Química e Microscopia Clinica

Drs. ALMEIDA CUNHA e E. DE SOUZA E SILVA
PROFESSORES DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS

e VIRGILIO HE'LIO MOSCI
PREPARADOR DA FACULDADE DE MEDICINA

Av. Afonso Pena, 610 - Salas 608 e 610, 6.º andar e Ap. 1 do 7.º andar - Telef. 2-3333 - Edificio Cruzeiro

Caixa Postal, 149 - Belo Horizonte

ERA UMA VEZ...

Redação: — Avenida Cristovão Colombo, 92
BELO HORIZONTE

Assinatura anual — 24$000

A Revista encantadora que Vovô Felício criou para auxilio ao professor primário, apóio aos pais e delicia da criança brasileira.

A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NA ESCOLA PRIMA'RIA

(Trabalho do Laboratorio de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento e apresentado por HAYDÉE DE CASTRO)

A preocupação que sempre existiu de se colocar cada indivíduo no lugar que convém a suas inclinações e aptidões, de escolher, para cada função particular, os mais capazes, e de organizar o trabalho de tal modo que com o mínimo de tempo e fadiga o trabalhador obtenha o rendimento máximo, parece tomar agora vulto maior pela oportunidade que o próprio Governo brasileiro vem oferecendo a esta orientação vocacional, através dos últimos projetos e reformas de ensino e da organização dos cursos e aprendizados profissionais.

A' Escola primária está reservado valioso papel nesse mister, por causa de seu contacto habitual com a criança e oportunidades de que dispõe para conhecimento de suas aptidões e preferências e qualidades de carater.

As ocasiões não lhe faltarão tambem para abrir os olhos das crianças às mais variadas formas de atividade que a vida lhes oferece, inculcando nelas o amor ao trabalho e o desejo de uma escolha acertada para que, no momento devido, seja seguro e bem fundamentado seu ideal profissional.

A consideração de tudo isto leva-nos a apresentar os resultados de uma pesquisa feita entre 539 alunos do 4.° ano dos Grupos escolares de Belo Horizonte, de 1935 a 1937, sobre o problema da orientação profissional.

O INQUÉRITO

O inquérito que serviu de base à pesquisa foi organizado no Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte, apresentando em seu conjunto uma parte aí mesmo elaborada e outra extraída de semelhante questionário do Instituto J. J. Rousseau, de Genebra.

Tem êle a seguinte forma:

1. Qual é a profissão de seu pai? Em que consiste o trabalho dele?
2. Que trabalho faz sua mãe?
3. Quando você for grande, escolherá a profissão de seu pai ou de sua mãe?
4. Por que?
5. Você vai continuar a estudar no próximo ano?
6. Em que escola ou em que instituição?
7. Se você tiver de trabalhar, onde o fará: em casa, ajudando seu pai, ou fora de casa?
8. Qual será seu trabalho?
9. Você vai ganhar dinheiro pelo seu trabalho?
10. Quanto vai receber por mês?
11. Já recebeu dinheiro pelo seu trabalho?
12. Quanto?
13. Que trabalho fazia?
14. Que fez dêsse dinheiro?
15. Você gostaria de ser empregado em um lugar onde se trabalha sentado ou em movimento?
16. Você gostaria de ser empregado onde se trabalha sozinho ou em companhia?
17. Você gostaria de ser empregado em um lugar onde possa mandar ou obedecer aos outros?
18. Você gostaria de trabalhar no campo ou numa grande cidade?
19. Por que você gostaria de ser empregado?

a) para ganhar muito dinheiro
b) para poder auxiliar os outros
c) porque teria muito interêsse pelo trabalho
d) porque teria muita glória.

OBJETIVO DO TRABALHO

Interessava-nos primeiramente saber se a criança recebia alguma orientação nesse momento crítico de sua vida que é o da saída da escola primária, quando ela tem que se decidir pelo estudo ou pelo trabalho.

A profissão objeto de seus sonhos estaria sempre de acordo com suas possibilidades econômicas, com seu padrão de vida?

Que razões ou que motivos seriam apresentados pela criança como justificativa de sua escolha? E esta seria feita livremente ou apresentar-se-á como um reflexo dos desejos dos pais, das sugestões do meio ou de conselhos recebidos?

Alem disso, que preferências manifestariam as crianças em relação a aspectos vários do ambiente de trabalho e sua situação nele?

Todos esses problemas são de reconhecido valor quando se pensa em bem orientar a criança na escolha de uma profissão que lhe seja adequada, que favoreça a elevação de seu padrão de vida, levando-a a usar o máximo de suas capacidades com um mínimo de fadiga, poupando-lhe desadaptações constantes, contínuas mudanças e tentativas em ofícios vários, com aprendizagem sempre reiniciada.

Tendo em vista relacionar escolha de profissão e o meio, separamos as crianças estudadas em 4 grupos sociais segundo a classificação adotada pelo Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento e instruções inseridas no Boletim n.º 19 da Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais.

Entre as crianças estudadas observa-se logo grande predominância do 2.º e 3.º grupos sociais sobre o 1.º e 4.º que representam apenas uma quarta ou quinta parte do total.

Com um número relativamente reduzido de crianças em alguns grupos sociais, não nos foi possível, entretanto, fazer mais que observações rápidas a respeito do problema proposto, sujeitas a verificação sobre um número maior de resultados.

Quasi 50% dos pais dessas crianças exercem profissões intermediárias (comerciantes, guarda-livros, funcionários públicos, etc.), cerca de 30%, profissões manuais e 17% apenas, profissões liberais (médicos, engenheiros, advogados, professores etc.). Entre as mães, ha supremacia absoluta das ocupações manuais sobre as demais. Apenas 5% do total exercem profissões intermediárias.

RELAÇÕES QUE EXISTEM ENTRE AS PROFISSÕES DOS PAIS E AS QUE ESCOLHEM OS FILHOS

Foi o que procuramos apreciar através da questão número 3. Observações várias teem sido feitas neste sentido, chegando os autores a conclusões contraditórias. Acham uns que há oposição interior da parte das crianças, mais ou menos inconciente, contra a autoridade do pai e afirmam ser numerosos os casos em que ela não quer seguí-lo na profissão. E, se não há oposição frisante, a fórmula da criança será sempre superar o pai, quando se volta diretamente para a profissão dele. Outros, porém, contradizem fortemente as apreciações anteriores assegurando que as crianças manifestam acentuada tendência a seguir a mesma profissão do pai (1).

Observando as respostas em cada grupo social, notaremos, de maneira geral, a mesma distribuição: cêrca de metade quer seguir a mesma profissão dos pais, enquanto uma terça parte, aproximadamente, não o quer, exceção feita somente para os meninos do 3.º grupo, entre os quais é menor o número dos que abraçariam, de preferência, a profissão paterna.

As meninas mostram-se mais displicentes em face do problema da escolha da profissão, deixando frequentemente sem resposta a nossa questão ou fazendo-o por um simples: "Não sei". Revelam a mesma atitude quando nos dizem: "de qualquer" ou "dos dois" (respostas estas mais numerosas entre os meninos) quando diferem de maneira profunda as profissões de seus pais.

---

(1) Fontégne, Julien — L'orientation professionelle et la determination des aptitudes.

COMO AS CRIANÇAS JUSTIFICAM SUA ESCOLHA

Os nossos resultados vêm reforçar observações anteriores do próprio Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento (através de sua pesquisa sôbre os interêsses das crianças) de quê as crianças se justificam mais frequentemente de modo vago, impreciso, revelador de conhecimento superficial ainda da profissão que escolhem, talvez mais por influência ou sugestão de outros.

Assim elas se exprimem: "porque é uma profissão bôa, porque é uma profissão bonita, porque gosto dela, etc." E, no caso de rejeição das profissões propostas: "porque não gosto, acho ruim, não é bôa, é sem valor". Mais de uma terça parte das crianças expressa-se desse modo.

A segunda resposta mais frequente é a daqueles que não escolhem nenhuma das profissões porque: "já escolhi a minha", "vou ser ou quero ser...", "porque vou escolher cousa melhor". Três meninas apenas (sobre 310), duas do 3.º grupo social e uma do 2.º falam em vocação e jeito para a ocupação escolhida.

Não ficamos entretanto sabendo de que maneira se voltaram as crianças para essas profissões. Receberam elas conselhos ou sugestões? Sob que forma e de quem lhes vieram eles? Seria este um aspecto interessante da questão a estudar.

A influência direta dos pais na escolha dos filhos é expressa aqui numa percentagem muito reduzida 2,62% para os meninos e 2,25% para as meninas.

Os meninos revelam mais que as meninas preocupação de escolher uma profissão rendosa, enquanto as últimas são movidas especialmente pelo interesse de auxiliar a familia.

COMO ENCARAM A POSSIBILIDADE DE PROSSEGUIR SEUS ESTUDOS E EM QUE SENTIDO PRETENDEM ORIENTÁ-LOS

Servimo-nos das questões n.º 5 e n.º 6 para observações desse gênero.

2/3 das crianças respondem afirmativamente a nossa questão n.º 5. Excetuando-se as meninas do 4.º grupo social, todos os demais, meninos e meninas, pretendem, na maioria, continuar seus estudos. Quasi totalidade das meninas 4/5 dos meninos do 1.º grupo; 2/3 dos meninos e 4/5 das meninas do 2.º; mais ou menos a metade dos meninos e meninas do 3.º e meninos do 4.º grupo).

Apenas 22% dos meninos e 20% das meninas (1/5 parte do total, portanto, aproximadamente) não vão continuar a estudar. Entretanto, não é esta a vsião que a realidade nos oferece, principalmente se considerarmos mais uma vez a observação inicial do nosso trabalho de que a maioria das crianças pertence aos meios sociais médios.

Mas, é importante ainda saber, em que sentido pretenderão orientar seus estudos.

A metade das crianças escolhe logo os cursos secundários (Ginásios, Colégios, Escolas Normais).

Uma terça parte não sabe dizer, não responde ou não vai mesmo seguir curso ou estudar.

E' minima a percentagem dos que falam em cursos profissionais (8% das meninas e 3% dos meninos).

Apenas 2 meninos sobre 94 no 2.º grupo, 2 sobre 86 no 3.º e 2 sobre 14 no 4.º voltam sua atenção para a aprendizagem de oficios.

E, entre as meninas, somente uma sobre 44 do 1.º grupo, 10 sobre 120 do 2.º, 12 sobre 131 do 3.º e 2 sobre 25 do 4.º fazem o mesmo.

Enquanto os meninos (57%) preferem o trabalho fora de casa, as meninas escolhem o ambiente da própria casa para suas atividades (51%). Mas, tambem 34% dos meninos escolhem o trabalho em casa e 42% das meninas, fora.

QUE PROFISSÕES ESCOLHEM AS CRIANÇAS

A pesquisa sôbre os interêsses, que tem sido feita em intervalos de 5 anos, apresenta resultados diferentes dos nossos. Aparecem nela as profissões liberais (51 a 70% das respostas) em pri-

meiro plano, seguindo-se as escolha das manuais e intermediárias (1).

Parece que, no nosso inquérito, depois de uma série de perguntas, todas orientadas num mesmo sentido, as crianças devem sentir-se melhor adaptadas ao trabalho e, assim, responder mais criteriosamente à pergunta referente à profissão que virá a exercer.

A própria forma da questão deve ter influido colocando a criança numa situação mais real que a outra.

O resultado obtido foi este: indicadas com mais frequência as profissões manuais (por ambos os sexos, 31,91% dos meninos e 47,41 das meninas) seguindo-se as liberais (meninos, 27,92%, meninas, 39,35%) e, finalmente as intermediárias (meninos, 20,08%, meninas, 11,93%).

Há, entretanto, coincidência nos pontos seguintes: as profissões preferidas pelas meninas são, entre as liberais: profesora; entre as intermediárias: datilógrafa e, entre as manuais: costureira. Os meninos escolhem, entre as liberais: aviador, entre as intermediárias: comerciante; e, entre as manuais, mecânico.

PLANO DAS CRIANÇAS NO QUE SE REFERE A' REMUNERAÇÃO DO TRABALHO

Mais de três quartas partes das crianças vão ganhar dinheiro pelo seu trabalho. Entre os meninos é bem reduzida a percentagem dos que respondem negativamente à pergunta nº 9, não se podendo, porém, dizer o mesmo das meninas. A maioria não sabe quanto receberá por mês. Somente uma terça parte traça seus planos nesse sentido e, enquanto a escala de vencimentos das meninas vai até 1:000$000, a dos meninos estende-se a 10:000$000.

Apelando para uma situação real, procuramos saber se já receberam dinheiro pelo seu trabalho e quando. 2/3 do total nunca receberam nada e só uma quarta parte teve ocasião disso.

DE QUE TRABALHOS PROFISSIONAIS A CRIANÇA TEM SIDO ENCARREGADA

Aos meninos foram mais frequentemente confiados serviços no comércio como caixeiro, vendedor ambulante de doces, balas e verduras e confeccionador de sacos de papel; serviços de entregas de farmácias, tinturarias; recados, compras, etc.

São também apontados, mas em percentagens bem menores os trabalhos em ofícios diversos como aprendizes ou serventes (de bombeiro, pedreiro, engraxate, lustrador de carros, alfaiate, trabalho em olarias, em hortas e jardins, confecção de balaios, etc.) e os trabalhos em casa, auxiliando na sua limpeza, enceramento, etc.

As meninas mais comumente se entregaram às ocupações domésticas (carregar lenha, servir de ama dos irmãozinhos, auxiliar na limpeza e arranjo da casa e da cozinha, na lavagem de roupas, etc.).

Outras, em menor número dedicaram-se a alguma costura ou bordado, à confecção de sapatinhos, babadouros, etc. e até ao desenho e pintura.

APLICAÇÃO DO DINHEIRO GANHO

As aplicações lembradas podem ser apreciadas nesta ordem de frequência:

1.º) O dinheiro foi gasto mas, geralmente, na compra de objetos úteis (material escolar, roupas, calçado, etc.) (meninos 18,34%, meninas 12,25%). As compras de frutas e brinquedos e o emprêgo do dinheiro em diversões foram muito reduzidas.

2.º) O dinheiro foi entregue (todo ou em parte) aos pais para auxiliá-los nas despesas de casa ou então foi distribuido com os pobres (meninos, 13,10%, meninas, 6,12%).

3.º) O dinheiro foi guardado (no cofre, na Caixa Econômica). (meninos, 4,80%, meninas, 1,29%).

PREFERÊNCIAS DAS CRIANÇAS QUANTO AO AMBIENTE E FORMA DE TRABALHO

Meninos e meninas escolhem igualmente para trabalho um lugar em que tenham a companhia de outras pessoas e querem fazê-lo na cidade ao envés do campo.

Diferem suas preferências, porém, no

que se refere aos outros aspectos apresentados. Enquanto as meninas preferem trabalhar sentadas e em situação de obedecer aos outros, os meninos escolhem trabalho em movimento e onde possam mandar.

QUE ESTÍMULO LEVARA' A CRIANÇA AO TRABALHO

Os meninos são mais frequentemente levados pelo dinheiro (1/3 do total das respostas), em seguida, manifestam interêsse pelo trabalho (1/5) e, em 3.º lugar, porque gostariam de auxiliar os outros (1/6 das respostas). Este último motivo é justamente o que predomina entre as meninas com 1/4 das respostas. O interêsse pelo dinheiro e pelo próprio trabalho contam respectivamente com 1/5 e 1/6 do total das respostas. A procura do trabalho pela glória que ele poderá fazer chegar, está em último plano para as crianças observadas.

CONCLUSÕES

As pesquisa deu-nos a conhecer como encaram as crianças sua vida profissional futura, informando-nos quão vaga e superficialmente o problema é visto por elas.

Há muita displicência em face da questão. As crianças deixam frequentemente de responder às perguntas que lhes são apresentadas ou o fazem com um simples "não sei" evasivo. Podemos julgar que se trate de preguiça mental, de fuga de todas essas situações que obrigam a pensar. Enfim, o desenvolvimento mental pode ser responsabilizado por essas atitudes, principalmente quando apreciamos justificativas tão vagas, respostas inadequadas e incoerentes mesmo. E' de se notar a frequência de respostas não satisfatórias às questões em que se ofereçam às crianças duas situações para escolha.

Quanto ao assunto da profissão a criança não tem experiência, não foi ainda orientada nesse sentido e, por isso, não nos pode responder com segurança.

Entretanto, poucos meses após a pesquisa, terminado o curso primário, deveriam estar encarando o problema em toda sua seriedade, decidindo-se realmente pelo trabalho ou pelo estudo.

Se a escola é vida e preparo para a vida, deverá abrir os olhos das crianças à realidade que a espera, despertando nelas pelo menos o interesse pelo trabalho do homem, uma vez que ainda é cedo para se decidirem.

A média de nossas crianças termina o curso primário com pouca idade o que vem dificultar muitíssimo a orientação profissional tão desejada. Mas nem isso justificará o abandono da questão nem poderá fazer esquecer a possibilidade de iniciar o trabalho, de cuidar de um encaminhamento das crianças, de um preparo que servirá de base à orientação definitiva que se deverá fazer em seguida.

As excursões a indústrias diversas, as pequenas monografias e as palestras sôbre as profissões poderão fazer a criança sentir essa necessidade de encontrar uma profissão à qual se adaptará melhor em vista de suas capacidades e aptidões e na qual deverá progredir mais facilmente e onde terá melhor assegurada sua felicidade.

Neste ano de 1942 a pesquisa foi feita novamente em 27 classes de 4.º ano dos nossos Grupos escolares.

Fez-se, em seguida, um ensaio de orientação por meio de conversa com as crianças sôbre diversos trabalhos de que tenham experiência, das qualidades necessárias ao homem afim de bem desempenhá-los, etc., chamando-se sempre a atenção para o homem quando se mostravam internamente atraídos pelas máquinas. Depois disso cada classe realizou uma excursão a uma indústria e, as observações feitas foram objeto de novos comentários.

Decorrido um mês que aquele trabalho havia sido feito, foi, uma vez ainda aplicado o questionário, tendo-se em vista apreciar a influência do trabalho realizado.

Os resultados estão sendo apurados e serão oportunamente apreciados.

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

BALADA DA CHUVA

J. G. de Araújo JORGE

A tarde se embaça:
— um pingo, outro pingo
respinga um respingo
de encontro à vidraça;
um pingo, outro pingo,
e a chuva aumentando
e eu nada distingo,
— respinga um respingo
tinindo, cantando
de encontro à vidraça...

A noite está baça
e a chuva enervante
batendo, batendo,
constante, cantante
de encontro à vidraça...

A terra se alaga
o céu se enevôa,
e a chuva é uma vaga
fininha, descendo,
parece garoa!
parece fumaça!
— e as aguas caindo
e as poças subindo
e a chuva descendo
e a chuva não passa!

O dia surgindo:
manhã turva e baça.
A chuva fininha
miudinha, miudinha,
parece farinha lá fora caindo,
através da vidraça.

— um dia, outro dia
e os dias passando
em lenta agonia
segunda a domingo;
um pingo, outro pingo,
respinga um respingo
batendo, cantando,
mil dedos tocando
de encontro à vidraça...
— que chuva! que chuva!
e a chuva não passa!

Constante, cantante
caindo distante
nas folhas molhadas,
nas poças paradas
despidas e núas,
e murmurejante
rolando nas ruas;
— um pingo, outro pingo
na lata cantando
goteira se abrindo
pingando, pingando,
batendo, batendo
tinindo, tinindo
parece um tinido
de taça com taça,
e a chuva chovendo
e a chuva não passa!

O vento nas folhas
de leve perpassa,
e as gôtas nos fios
rolando, escorrendo
lá fóra estou vendo
através da vidraça,
— que dias sem alma!
— que noites sem graça!
e a chuva, que calma!
chovendo, chovendo
não passa! não passa!

A terra está envolta
nas brumas de um véu,
de um véu de viuva
que o dia escurece,
e a noite enfumaça,
— é a chuva que chove,
e do alto se solta,
descendo, descendo,
rolando, escorrendo
Nos olhos do céu
e no olhar da vidraça!

— que chuva! que chuva!
parece um dilúvio,
quem sabe? — parece,
que a chuva não passa!

LONGE, NO CE'U PRESENTE

★

MURILO ARAU'JO

Lá longe, perto do céu,
lá longe, no fim do mar
há um incêndio, um fogaréu
uma floresta a queimar?!

Não, não! E' um cavalo sôlto
de ouro, de ouro —
à flor do mar!

Por sôbre as águas rolando,
branquejando, uma por uma,
passam nuvens a boiar...
nuvens branquinhas saltando,
nuvens branquinhas de espuma
sôbre as águas a rolar?!

— Não, não: E' um cavalo sôlto
que vai sem freio, revôlto,
crina branca à flor do mar!

Quem me dera ir galopando
nesse cavalo espumando
e entre os ventos a voar...
galopando, galopando
até o palácio côr de ouro,
todo de ouro, além do mar!

★

A FADA DAS CRIANÇAS

(Do Tesouro da Juventude)

★

De seu longínquo reino côr de rosa,
voando pela noite silenciosa,
a fada das crianças vem, luzindo.
Papoulas a coroam e, cobrindo
seu corpo todo, a tornam misteriosa.

'A criança que dorme, chega, leve,
e pondo-lhe na fronte a mão de neve,
os seus cabelos de ouro acaricia —
e sonhos lindos, como ninguém teve,
a sentir a criança principia.

E todos os brinqudos se transformam
em cousas vivas, e um cortejo formam:
cavalos e soldados e bonecas,
ursos e pretos, que veem, vão e tornam
e palhaços que tocam em rebecas...

E há figuras pequenas e engraçadas
que brincam e dão saltos e passadas...
Mas vem o dia, e, leve e graciosa,
pé ante pé, volta a melhor das fadas
ao seu longínquo reino côr de rosa.

para os alunos adquirirem novos conhecimentos.

No estudo das biografias se fazem referências à época em que viveu o personagem, à vida, aos costumes, e assim a história e a geografia são facilmente associadas. Fica então comtemplado mais um dos princípios das instituições escolares, que é o de favorecer o estudo das matérias do programa.

DA ESCOLHA DO PATRONO

Comumente encontram-se nos clubes de leitura a denominações de Tiradentes, Bárbara Heliodora, Menino de Jesus, Sta. Joana Darc, S. Geraldo, S. Tarcísio, etc.. Conquanto sejam personagens indiscutivelmente dignos das homenagens das crianças, parecem-nos mais adequados aos clubes de leitura os nomes dos vultos que mais se salientaram na literatura, poetas ou prosadores — de preferência nacionais, ou ainda os de professores e educadores eméritos. Os nomes dos heróis da pátria seriam reservados às associações de caráter cívico, e os dos santos, cujas virtudes constituiram sempre o mais belo exemplo, ficariam melhor nas ligas de bondade, associações religiosas, etc..

Respeitada sempre a preferência dos alunos, devem, no entanto, as professoras guiá-los, afim de que a escolha recaia num patrono cuja atividade na vida mais se coadune com o carater da instituição fundada.

Se os patronos escolhidos são vultos das letras nacionais, apresenta-se um motivo para os alunos conhecerem e admirarem os mais belos trechos de prosa e verso dos nossos escritores, trechos que, comentados devidamente durante as reuniões, hão de concorrer para despertar neles o interêsse e o amor pela leitura, identificando-os com os ideais dos autores.

DA ELABORAÇÃO DOS ESTATUTOS

A redação dos estatutos é um outro aspecto que merece comentário. Quasi sempre êsse trabalho é feito em classe, com a colaboração dos alunos, sob a assistência da professora que orienta a discussão e lembra os pontos esquecidos. Outras ainda preferem incumbir dessa tarefa a um grupo de alunos, como por exemplo: a professora encarrega dois ou três alunos de redigir os estatutos em casa, e na reunião seguinte, pede à classe a sua aprovação. Êsse critério seria mais valioso se a professora em vez de pedir a aprovação dos estatutos, os submetesse primeiramente à apreciação da classe, afim de serem julgados e feitas as emendas necessárias.

O primeiro critério, isto é, quando os estatutos são redigidos em conjunto pelas crianças, encerra, ao nosso ver, maiores valores, como:

1.°) participação de toda a classe, contribuindo cada aluno com a sua idéia ou sugestão;
2.°) crítica e seleção das sugestões apresentadas;
3.°) desenvolvimento da linguagem oral e escrita;
4.°) desenvolvimento do julgamento;
5.°) estímulo às crianças mais tímidas, as quais, ainda que não se manifestem, aproveitam a reunião, porque, ouvindo e observando, estão também aprendendo.

Antes de iniciar a elaboração dos estatutos é conveniente que a professora em conversa com os alunos, os faça sentir a necessidade de estabelecerem regras a que devam obedecer os membros do clube; lembrar-lhes, por exemplo, que todas as associações e até mesmo os simples brinquedos e jogos que os meninos organizam, obedecem a certas regras, para que haja ordem, disciplina e se consigam bons resultados. Êsses regulamentos são mais conhecidos com o nome de estatutos. Nestes hão de figurar as responsabilidades de cada membro e, no cumprimento delas, por todos, se esteia o progresso de qualquer instituição.

E' indispensável que as crianças sejam concientes do que pretendem alcançar com o seu clube, e a professora as guiará para que seus objetivos sejam bem estabelecidos.

Fundar uma instituição sem uma finalidade bem definida é o mesmo que viajar sem roteiro ou navegar sem bússola.

No delineamento dos objetivos do clube, é preciso lembrar-se de que os da criança são diferentes dos da professora. Os desta não entrarão nos estatutos, ainda que coincidam com os daquela, nem precisam ser conhecidos dos alunos. Ela os fixará para si mesma e empregará todo o seu esfôrço para alcançá-los. Nunca a professora creará uma instituição em sua classe, unicamente para obedecer a um dispositivo regulamentar, pois que isso não interessa aos alunos. Cumprirá, entretanto, êsse dispositivo, tendo em vista o desenvolvimento de sua classe.

Os objetivos da professora poderiam ser:

a) melhorar a leitura dos alunos;
b) despertar-lhes o gôsto e o amor pelas boas leituras;
c) formar-lhes sentimentos de cooperação, de respeito à lei e de amor à órdem, confiança em si, etc., etc..

Quanto aos objetivos das crianças, elas mesmas é que vão determiná-los, segundo seus interêsses. Servem de exemplo os seguintes que foram retirados dos estatutos de um clube de leitura fundado numa classe de 3.° ano:

1.°) aprender a ler bem;
2.°) conhecer livros, poesias e histórias bonitas;

Outro exemplo extraído de uma outra classe:

1.°) trabalhar para que todos os alunos da classe leiam bem;
2.°) despertar e desenvover na classe o gôsto pea leitura;
3.°) enriquecer a biblioteca com livros interessantes, jornais, revistas, etc.;
4.°) recrear os membros com leituras agradaveis;
5.°) trabalhar para que cada aluno procure melhorar a sua própria leitura.

Nestes objetivos nota-se um novo valor que é a preocupação dos alunos mais voltada para o interêsse da coletividade do que para si mesmo, individualmente.

A parte de responsabilidade dos membros da diretoria e dos sócios deve ser igualmente bem definida e de modo que os alunos compreendam que quanto mais elevado fôr o cargo que ocuparem no clube, tanto maiores são os seus deveres. Por vezes isto é esquecido. Em alguns estatutos de um clube encontramos apenas estas atribuições para o presidente:

a) presidir às reuniões;
b) escalar os sócios para a leitura seguinte.

E' dar muito pouca responsabilidade ao encarregado de um posto tão elevado. Já em uma outra classe essas atribuições foram melhor compreendidas e bem mais ampliadas. Seus estatutos dizem o seguinte:

Atribuições do presidente:

a) presidir às sessões ordinárias do cube;
b) convocar os sócios para as reuniões especiais e presidir às mesmas;
c) procurar desenvolver nos sócios interêsse pela leitura, de modo que não faltem às reuniões do clube.
d) colher bom material de leitura em revistas, jornais, histórias, livros interessantes, de informações úteis à classe e levá-los para serem comentados e lidos nas sessões;
e) presidir à organização dos programas, estimulando os sócios para que preparem bem e com antecedência as contribuições que devem levar à reunião;
f) trabalhar para o jornal do clube, interessando os alunos para que todos colaborem nele;
g) dirigir a leitura e os comentários, verificando se todos estão interessados;
h) zelar pelos sócios mais fracos e dar-lhes oportunidade de melhorar a sua leitura.

Eis aí um conjunto de deveres que dão bastante trabalho ao presidente do clube, devendo ser êste, de fato, uma criança bem dotada.

Encontram-se também estatutos que não mencionam os deveres dos sócios, falha sensivel, pois todos devem sentir-se responsaveis pelo desenvolvimento do clube e trabalhar pelo seu progresso.

De um modo geral, porém, essas atribuições são bem definidas e, por vezes, com certa severidade, como no exemplo seguinte, encontrado nos estatutos de uma classe de 3.° ano.

Deveres dos sócios:

a) todo sócio do clube é obrigado a ler diariamente na aula ou em casa uma história, poesia ou trecho de livro ou jornal infantil;
b) deve colecionar contos, poesias infantís, notas interessantes sôbre as matérias que estudam;
c) os sócios escalados para ler nas reuniões deverão ler alto, pausadamente, leitura corrente e com boa pontuação;
d) todo sócio é obrigado a colaborar na formação da biblioteca da classe, na medida de suas posses.

O primeiro item é bastante rigoroso e difícil de ser controlado, convindo ser substituida a redação por esta: todo sócio se comprometerá a ler sempre, em casa ou na escola, uma história, poesia ou trecho de livro, ou jornal infantil.

O importante é que a professora estimule a todos os sócios para que se compenetrem de suas responsabilidades e assim maior progresso e eficiência se verificarão nas atividades do clube e no desenvolvimento dos alunos.

Tornou-se praxe geralmente seguida em nossas escolas, uma vez eleita a diretoria do clube de leitura, promoverem os alunos uma festa para sua instalação e posse dos membros da diretoria. Todo o interêsse da classe se volta, então, para esta solenidade, e após vários preparativos, ensaios, convites, etc., inaugura-se o clube com um auditório, ao qual assistem alunos de outras classes, professoras e demais pessoas convidadas. Costuma acontecer, porém, que o entusiasmo dos alunos se concentra exclusivamente na solenidade da instalação, e, passado o movimento festivo, quando o clube entra em seu funcionamento regular, o interêsse arrefece, e as crianças começam a manifestar indiferença, por essa instituição, segundo tem sido verificado.

Não é difícil, entretanto, evitar que isto aconteça. A solenidade de inauguração do clube poderá não trazer os inconvenientes acima apontados, se a professora puser um grande cuidado na sua preparação, solidificando bem os seus verdadeiros objetivos na conciência dos alunos, conseguindo deles um verdadeiro, profundo e permanente interêsse mais pelo funcionamento do clube em si, que pela festividade com que será instalado. Esta solenidade, todavia, é imprecindivel, podendo ser prorrogada para mais adiante.

Se após o trabalho de preparação do clube, a professora observar que a classe se preocupa unicamente com a festa, deverá, com habilidade, convencer os alunos que uma festa se justificaria mais e deixaria uma impressão melhor e mais duradoura se fosse realizada após um certo tempo de funcionamento do clube, pois assim eles já poderiam mostrar os seus trabalhos, as suas realizações, o que havia de constituir um estímulo vivente para as demais classes do estabelecimento. Festejar um período de atividade fecunda traz maior satisfação do que fazê-lo no início do clube, quando os seus resultados são ainda, apenas, previstas.

Se a professora encaminha primeiramente o interêsse das crianças para as realizações, para as responsabilidades que assumiram ao criar o seu clube, com certeza obterá trabalho mais fecundo e mais proveitosos resultados. Neste caso, a inauguração do clube poderá ter alguma solenidade, porém, com singeleza, de modo a não desviar a atenção da classe para os preparativos de festas, pois os alunos terão, durante o ano, várias oportunidades para organizar sessões festivas, como por exemplo, a comemoração de datas cívicas, homenagens à memória de brasileiros ilustres, etc..

(*A continuar*)

POIS, se um reino está dividido contra si mesmo, um tal reino não pode subsistir. E, se uma casa está dividida contra si mesma, tal casa não pode subsistir.

"Do Evangelho de S. Marcos".

VAMOS FAZER NOSSA HORTA?

Daniel ANTIPOFF

A preocupação atual é de ajudar-se a criança que termina o seu curso primário na escolha de uma profissão mais de acôrdo com seus interêsses e aptidões.

Nesse sentido, os trabalhos como o que se segue e do qual damos um pequeno trecho, são de grande valor. Êles estudam com a criança, à maneira de uma pequena monografia profissional, o ambiente, os requisitos, o valor e, enfim, todo o aspecto de uma atividade humana, em nosso caso, a agrícola.

PEDRINHO — O' Tio Sérgio, sabe o que vou propôr ao senhor? E' de me ensinar a fazer em nosso quintal, uns canteiros cheios de verduras, com tomates para papai, flores para mamãe. O Sr. ficará imaginando que ainda vive no Estado de S. Paulo!

TIO SÉRGIO — Pois não, Pedrinho, terei muito prazer em ajudar você. Está muito direito, cada qual deve ter sua horta, que seja grande ou pequena. Em redor de cada uma, só devem existir coisas úteis ou bonitas, e nada de lugares incultos ou sujos. Lá, nas grandes cidades, vive-se apertado como sardinhas em lata. Não se tem um lugar sequer para colocar um vaso de terra com flores, e ainda se tivesse, estaria na sombra dos prédios altos. Aqui, pelo contrário, não falta lugar; mas não convém tambem desperdiçá-lo. Tudo deve ser aproveitado. Amanhã, se o quiser, iremos ver qual é o melhor lugar para você fazer sua horta. Convém estudar o caso direito e traçar um plano de trabalho antes de começar. Assim, uma vez tudo previsto, não se erra mais e o trabalho se faz rapidamente.

PEDRINHO — Titio, por favor, vamos já dar uma chegadinha ao quintal, só para o Sr. ter uma idéia do terreno. Gostaria de saber qual será o melhor lugar para nossa horta. Vamos, Titio!

TIO SÉRGIO — Meu amigo, você é muito impaciente! Vocês, meninos, tudo fazem apressadamente. São como fogo de palha. Basta colocar um tição e tudo arde num instante. A chama é bonita, alta, mas logo o fogo se apaga, pois tudo já se queimou. Assim também a vontade de vocês. No início arde muito, mas logo cansa e quase acaba em nada. Já pensou, meu Pedrinho, que tratar de uma horta não é brincadeira? Exige paciência, muita dedicação, e um esfôrço durante meses a fio. Imagine que vergonha seria para você, se prometesse muitos tomates a seu papai, muitas flores a sua mãe, e que, depois de quinze dias, desistisse disto tudo... Acha você que tem bastante força de vontade e perseverança para dar conta do seu projeto?

PEDRINHO — Tenho, sim, Titio, e depois sei que o senhor estará sempre comigo, para me animar. Não é isso mesmo?

ORLANDO e MOACIR — Vamos, Titio, vamos ao quintal ver o lugar para a horta.

TIO SÉRGIO — Então vamos, já que o desejam. Eu também, quando era menino, tive muita pressa em cuidar de um canteiro. Não imaginem que prazer senti quando ofereci a minha mãe, isto é, a sua avó, a primeira alface da minha horta. No almôço foi servida uma salada como nunca mais comi igual... gostosa mesmo!

PEDRINHO — Eu também vou colher alface. Terei couve, cenourinha, pepino, acelga, cebola e não sei o que mais. O' Titio, vamos tambem fazer uma latada de xuxú?

ORLANDO — Eu quero plantar abóbora. E' uma verdura grande. Tem muito o que se comer.

TIO SÉRGIO — Com trabalho e paciência, tudo se consegue. Tudo depende de vocês. Eu estou pronto a ajudá-los!

ESCOLHENDO O LUGAR PARA A HORTA

PEDRINHO — Agora que chegamos

neste ponto do quintal, não precisa mais andar, tudo se enxerga daqui. Para mim, o melhor lugar para fazer uma horta é lá, naquele cantinho. Que acha o senhor?

TIO SÉRGIO — Vou lhe dizer uma coisa, Pedrinho: quando nós éramos rapazes, meus irmãos e eu (seu pai naquele tempo, era menino ainda) e quando tínhamos alguma coisa importante a resolver, meus irmãos se agitavam. Cada um gritava mais alto que o outro. Seu tio Guilherme, muito crítico, dizia então, batendo na mesa: "Pessoal, vamos ouvir o palpite do Sérgio; a prudência em pessoa vai falar. Até hoje sou prudente e não vou tomar a responsabilidade de escolher o lugar para a horta. Vou deixar a você mesmo êsse cuidado. Vamos olhar bem as vantagens e os inconvenientes de cada lugar, e você mesmo decidirá. Não é isso mesmo?

ORLANDO — Eu não posso escolher?

PEDRINHO — Então, fala! Diga! Se você já sabe...

ORLANDO — Bem... Não sei. Mas... vou pensar!

TIO SÉRGIO — Uma horta para bem se desenvolver, precisa de bastante *Sol*. Assim, aquela parte do quintal, à esquerda, em baixo, não serve, pois está plantada de mangueiras, e a sombra é demasiada, sem falar da pequena touceira de bambús. Lá perto da cêrca. Vamos olhar agora do lado direito, em baixo, também. Que acha?

PEDRINHO — Seria um bom lugar... Lá pelo menos não há sombra! E' melhor que o de cima, à esquerda. Neste há uma pequena muda de laranja. E' verdade, não dá muita sombra.

TIO SÉRGIO — Você notou, à direita, em cima? Também lá, nada faz sombra. Portanto, só condenamos a parte sombria, em baixo, ao lado das mangueiras. O resto está para se resolver. Vamos ver, agora, qual o local *mais plano* entre os três que apontamos.

PEDRINHO — Parece que em baixo a gente poderia conseguir canteiros bem planos.

TIO SERGIO — Muito bem. Julgou certo! Procuremos então, entre todos os lados, qual o que recebe *menos vento*, o que é mais naturalmente protegido das ventanias.

MOACIR — O vento sempre chega do lado direito. Eu já vi quando mamãe pendura alguma roupa no varal, a roupa sempre balança para a esquerda.

TIO SÉRGIO — E' caladinho nosso menino, mas quando fala, fala bem. Você é observador, Moacir. Muito bem! Sendo assim, os lugares mais protegidos são os da esquerda. São justamente aqueles que são amparados do vento pelas mangueiras. No meio do quintal, há também lugares protegidos pela casa. Eu, por mim, se o Pedrinho me dá licença, ainda condeno os pedaços de cima, tanto à direita como à esquerda, não só por causa do vento, como também da *poeira*. E' que ambos recebem muita poeira da estrada de rodagem, lá, ao longe da cêrca de cima. Pedrinho, você é capaz de dizer porque é conveniente não expor a horta ao vento e escolher de preferência um local plano?

PEDRINHO — Eu penso que o vento é capaz de quebrar as hastes das plantas.

TIO SÉRGIO — E' isso mesmo. Uma planta como o tomateiro, mesmo amarrado a um tutor, pode cair com este e então quebrar a muda. O vento prejudica as hortaliças, isto é, as plantas da horta, de varios modos: Sacudindo muito a muda, esta perde suas flores que daria mais tarde frutinhas. Carregada de frutos, como beringelas, tomates e outras, a planta sob a influência de um vento demasiado, vê-se despojada dos seus produtos. E' o vento ainda que estraga as fôlhas das verduras. Ele levanta do chão uma quantidade de pedrinhas e de poeira, machucando e furando, às vezes as mais delicadas folhinhas.

PEDRINHO — Porque disse o Senhor que para uma horta, é necessário um terreno plano? Se não fosse plano, o que aconteceria?

TIO SÉRGIO — A terra de um canteiro estando muito fina e sôlta, escorregaria do lado mais baixo, se o canteiro não fosse bem plano. Num canteiro inclinado, as sementes que por acaso não fossem bem tampadas, seriam levadas a cair de lá, quando alguem as molhasse com o jacto de um regador. Assim chegamos ao mais importante numa horta, A ÁGUA. Por que, a seu ver, a água é, neste caso, importante?

PEDRINHO — Sem água, a terra se tornaria muito sêca, igual a um grande torrão. Sem água, as mudas murchariam. As verduras não tem casca grossa para se protegerem. Assim elas não poderiam viver neste torrão e viriam a morrer.

TIO SÉRGIO — No que falou, há um parte de verdade. Mais tarde, talvez, vocês mesmos irão descobrir tudo o que a água proporciona primeiro, à terra e em segundo lugar, às mudinhas. Em todo caso, saibam que, sem água, é impossível tratar-se de uma horta.

MOACIR — Mas aquí temos água, não só a da torneira como ainda este filete que chega do quintal do vizinho. O sr. já viu o chafariz aquí perto, na praça? E' de lá que sai tôda água.

TIO SÉRGIO — Então vocês teem mais sorte que muita gente. Em muitos lugares não há nem chafariz. Precisaremos talvez pensar num meio de não se precisar carregar a água para que ela não se perca pelo caminho. Assim teremos muita água aquí. Poderemos talvez pedir ao vizinho licença para limpar o rêgo e fazer chegar a água em um nivel mais alto que o atual. Entederam?

PEDRINHO — Não entendí muito bem, não!

TIO SÉRGIO — Vocês estão vendo o lugar onde a água chega em nosso quintal? Pois é bem, é só a partir daquele nivel que se pode deixar correr a água. Agora, se conseguirmos que ela penetre no quintal, lá no lugar mais alto, ao nivel da casa, a água ficaria molhando um pedaço da horta bem maior.

MOACIR — Entendí agora: o reguinho entrando no quintal, lá bem alto, não seria preciso ir buscar a água em baixo e carregá-la para cima.

TIO SÉRGIO — Exatamente, meu filho! A água, sempre correndo, se infiltrará em parte na terra, manterá esta fresca e macia, e as plantas poderão crescer mais à vontade. Enfim, convém estudar isso tudo e depois então botaremos mãos à obra. Vamos voltar à casa! Parece que ouví alguem chamar...

Minha Senhora! Permanentes todos fazem, mas uma linda ondulação permanente só é feita no

INSTITUTO LUDOWIG

Massagens, limpeza da péle, Manicure, penteados e tinturas ainda no

INSTITUTO LUDOWIG

No interesse de sua beleza use sempre os afamados produtos de beleza LUDOWIG

Rua da Baía, 1.075 - Telefone, 2-1969

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

A INSTRUÇÃO TÉCNICO-PROFISSIONAL EM REGIME DE INTERNATO

Fábrica Escola "BENJAMIN GUIMARÃES"

EM nosso último número, focalizamos a Fábrica-Escola "Cândido Tostes", de Juiz de Fóra, como uma das mais interessantes realizações do Govêrno Mineiro no campo do fomento da produção e do ensino especializado de lacticínios, cuja indústria figura em relêvo nos quadros da economia estadual.

Outro estabelecimento, cujo objetivo é o desenvolvimento econômico, pela valorização do elemento humano, é a Fábrica-Escola "Benjamin Guimarães".

Subordinada ao Serviço de Indústria da Secretaria da Agricultura, o Estado mantém em Pará de Minas, há quase três anos, aquele instituto, destinado ao recolhimento e à instrução profissional de menores órfãos e desamparados, sob o regime de internato, visando à formação de técnicos laticinistas.

Dentro dêsse programa de ensino industrial especializado, a Fábrica-Escola "Benjamin Guimarães", cujas instalações atuais permitem o alojamento de 60 menores entre as idades de 7 a 21 anos, e que vem produzindo ótimos resultados no plano de assistência social aos menores, em Minas Gerais, ministra ensinamentos práticos a numerosos alunos que teem alí garantida a sua subsistência, até que atinjam a maioridade, ou possam antes disso aplicar com êxito na vida prática os conhecimentos adquiridos, como ainda uma remuneração que lhes é consignada para aquisição de vestuário.

Para a produção dos derivados do leite, a Fábrica Escola "Benjamin Guimarães" dispõe de instalações e aparelhagem que possibilitam a industrialização diária, presentemente, de mais de 3.000 litros de leite, dos quais grande parte é destinada à fabricação de queijos de vários tipos e o excedente à produção de manteiga. Eleva-se a 5.200 litros o abastecimento diário de matéria prima à Fábrica, procedente da Fazenda Escola de Florestal e de granjas circumvizinhas. O leite em estado natural é enviado à secção de recepção, que contem os tanques de distribuição, de onde é transportado sucessivamente ao pausterizador e ao tanque frigorífico. Daquele total, mais de dois mil litros, após o processo de pasteurização, são remetidos aos Entrepostos de Belo Horizonte, constituindo uma apreciavel contribuição ao abastecimento de leite da capital.

Da mesma forma, os produtos industrializados com a rotulagem da Fábrica Escola são remetidos em consignação aos Entrepostos de Belo Horizonte e a outros estabelecimentos oficiais, de onde são lançados ao consumo em base comercial.

Um técnico laticinista superintende o ensino industrial e a fabricação, sendo toda a produção realizada pelos alunos, desde as operações mais simples às mais complexas, desde o trabalho manual elementar ao processo mecânico, nas diversas fases a que obedece o sistema de industrialização do leite.

Exclusivamente prático, o ensino permite a formação de peritos laticinistas entre alunos de aptidões normais, dentro do periodo de um a dois anos de aprendizagem na indústria.

Alem da manteiga, que tem merecido grande aceitação nos mercados consumidores, a Fábrica Escola "Benjamin Guimarães" produz queijos dos tipos "Provolone", "Prato", "Parmezão" e "Mineiro".

Possue ainda a Fábrica Escola "Benjamin Guimarães" um laboratorio especializado para a indústria dos derivados do leite, destinados às análises de matéria gorda, verificação dos índices de acidez e a outros exames correlatos da matéria prima e produtos industrializados.

DÊMOS ASAS AO BRASIL

Leonilda MONTANDON

(PALESTRA PRONUNCIADA NA P. R. I. 3)

Mulheres de minha terra!

E' ainda sob as vibrações de entusiasmo que as festividades comemorativas da nossa Independencia veem despertando em nossas almas, que executo o simpático mandato de vos falar neste momento.

As justas efusões dêste dia glorioso mais significativas se tornam ainda, nesta hora em que sentimos ameaçada a nossa liberdade, liberdade que tantos sacrificios custou ao povo brasileiro.

A imensa tragédia que ensanguenta a Europa, há três longos e crudelissimos anos, espalhou pelo mundo inteiro e acaba de nos atingir.

Os tentáculos traiçoeiros do monstro sanguinário que para saciar-se reclama o sangue de todas as nações, estenderam-se até nós, fazendo novas e mais numerosas vítimas com o recente afundamento dos nossos cinco navios mercantes. Num só impulso de indignação e de revolta todos os brasileiros acabam de se erguer, prontos para repelir o inimigo feroz de todos os povos.

E o Brasil que hoje se levanta para defender a sua soberania ofendida, não é como pensam os nossos inimigos, uma nacionalidade sem raça, sem civilização, fraca e indefesa. Não é uma pátria de traidores e de covardes. E' êle essa multidão de almas fortes que não se curva ante as ameaças, que não treme, não corre e nem deserta! E' êle todo êsse fremir de vozes que clamam vingança num brado único de revolta e de protesto!

E' êle todo êsse palpitar de corações que pulsam e se agitam no mais ardente e fervoroso dos patriotismos!

E é êsse Brasil, a melhor e a mais generosa de todas pátrias que hoje se vê ameaçado. E por quem? Por aqueles mesmos que êle recebeu e abrigou em seu seio quando aqui aportaram em busca de uma vida farta, tranquila e feliz.

Como não havemos de estremecer de horror ante traição tão vil?

De pé, estamos, pois, vigilantes e atentos para a defesea comum. Não nos importa que nos faltem as armas, as máquinas de guerra aperfeiçoadas que destroem, trucidam e aniquilam. Temos mais, muito mais! Temos a nossa fé, a nossa coragem e o nosso devotamento!

Chegado é o momento das grandes renúncias, dos heróicos sacrifícios!

E não seremos nós as mulheres mineiras que nos deixaremos ficar à margem dos grandes e nobres movimentos que surgem a cada instante, num arroubo de civismo santo, para a defesa do nosso torrão natal.

Não nos esquecemos de que temos a nortear as nossas ações, incitando-nos ao heroismo e ao sacrifício, o exemplo de uma Bárbara Heliodora.

Também nós saberemos lutar, lutar pela defesa do direito, da justiça e da liberdade!

E para começar, eis-nos empenhadas na campanha patriótica de dar ao Brasil mais um par de asas vingadoras.

Assim como as mulheres cartaginesas que sacrificaram suas tranças para que se fabricassem cordas para os arcos dos soldados que lutavam em defesa da Pátria, assim tambem nós, as mulheres mineiras, daremos todo o nosso auxilio generoso e entusiasta para que o Brasil tenha armas que o defendam.

Mais um avião, o avião "Tenente Andrada Serpa", cujo nome surgiu do nosso coração em homenagem ao jovem mineiro, tão barbaramente sacrificado à sanha feroz de nossos inimigos e que soube morrer como um herói, sobrevoará a terra brasileira. E, para conseguir a breve realização dêsse caro objetivo, eu vos concito, mulheres de mi-

nha terra, a concorrerdes, generosamente, com o vosso auxílio.

Retirai de seus escrínios de veludo as joias inúteis que alí jazem apagadas e fazei-as brilharem, gloriosamente, nas asas de aluminio que cruzarão os ceus azues da nossa Pátria, para sua defesa, e libertação dos povos oprimidos!

Mães de família que me ouvís! Dai, dai sem medir sacrifícios para que o amanhã sorria nos lábios de seus filhinhos queridos!

Moças de minha terra que ainda sonhais os sonhos lindos de um porvir sem sombras, dai, dai generosamente para que esse futuro vos pertença!

Operárias de mãos calejadas no duro labor de cada dia, dai, também, o vosso modesto auxílio para que continueis a trabalhar livres e independentes como sempre o fostes!

E, graças vos sejam dadas, mulheres desta gloriosa Minas Gerais, por essa grande manifestação de civismo que, estou certa, todas vós demonstrareis nessa sagrada campanha que um grupo de mineiras patrióticas acaba de levantar.

Esses movimentos nunca foram tão necessários e oportunos como agora. Valem como significativas afirmações da alma nacional em guarda contra as forças da tirania desencadeadas sôbre o patrimônio que nos legaram os nossos avós: essa patria querida que nós havemos de manter livre, grande e feliz!

O automóvel e o carro de Boi

Afranio PEIXOTO

Passa na estrada poeirenta, num trilo prolongado, um carro de boi atulhado de espigas de milho. Vai tocando na frente, vara de ferrão em punho, pitando descansado o seu cigarro, o carreiro, enquanto a junta sonolenta puxa, sem pressa, as rodas chiadoras.

Atrás, ainda à distância, ouve-se a buzina de um automóvel e logo após o arfar impaciente do motor que se aproxima. Desvia o carreador o seu veículo para a direita, à beira do caminho, dando passagem ao outro, apressado, que dispara em frente, envolto numa nuvem de poeira. Sufocado, o caipira pragueja: — "Diabo te leve!"

Meia hora depois chega, finalmente, à fazenda, o carro de bois, onde encontra, parado, o automóvel.

O AUTOMÓVEL (risonho)

Custou a chegar, heim? D'alí aqui... uma hora!

O CARRO DE BOI

Não tenho pressa. Não fui buscar fogo...

O AUTOMÓVEL

De fogo não preciso eu... é o que não me falta. Queimo com êle as distâncias.

O CARRO DE BOI

Sim... Espanando o pó das estradas e empestando o caminho com êsse cheiro de alcatrão...

O AUTOMÓVEL

Isso não é nada. O essencial é que ando por êsse mundão a fora, num abrir e fechar de ôlho. Parto e chego. Você parte quando pode, chega quando Deus é servido...

O CARRO DE BOI

Do caminho faço o meu passeio, distraio-me, pelas manhãs ouço a passarada, canto com as cigarras ao meio-dia, e, às tardes tristes, o sol, mais cansado do que eu, parece que me inveja não ter duas rodas. Você quando passa não atende a nada... Você apenas é visto, malvisto...

O AUTOMÓVEL

Mas chego, chego antes da hora. Encurto o espaço, poupo o tempo. Nesta vida breve vale isto mais do que dinheiro, do que sangue... E' uma outra vida que se vive, graças a mim. Viagem não é mais fadiga, é recreio; necessidade já não será remanchação, porém serviço...

O CARRO DE BOI (irônico)

Você diz bem, é o seu mérito: Você chega, é "arrivista". Chega aonde não devera, é "parvenu". E'o que Você é.

O AUTOMÓVEL

Que culpa tenho eu de Você não poder chegar... pesado carroção, atravancado de madeira... bichos pesados que se mexem com tanta lerdeza...? "Arrivista" e "parvenu", eu?!... Sim, por que tenho dentro de mim um motor, de cinquenta cavalos. E' por isso que hei de chegar e vencer. Razão que seu despeito não quer ver e troca por insulto.

Não pôde o carro de boi responder porque, arfando de novo, o automóvel se pôs a marchar, abafando com a buzina a inveja do outro.

Depois de esvaziar no paiol as suas espigas de milho, tambem o carreiro, com a aguilhada em riste, tocou a junta e, pesadamente, rodou nos gonzos ressequidos o carro de boi. Lá adiante, no meio da estrada, estava parado o automóvel. Em mangas de camisa, suado, esbaforido, remexia o motorista a sua máquina, da qual se escapava ainda um vapor de fadiga; o monstro era entretanto insensível ao máu trato das ferramentas de consêrto.

O CARRO DE BOI (com alegria maligna)

Que é isto? Empacou?

O AUTOMÓVEL (envergonhado)

Eu não empaco, porque não tenho vontade minha... enguiço. Transtôrno cá de dentro, a que êles não sabem prover, e dão por isso um nome qualquer,

MOBILIZAÇÃO ESPIRITUAL

Marieta LEITE

(PALAVRAS PRONUNCIADAS NA P. R. I. 3)

Mobilizar é a senha do momento.

E' a palavra de ordem lançada das margens azues da Guanabara por todo este espaço infinito que se chama Brasil!

Mobilizar! tocam os clarins ao alto dos quartéis.

Mobilizar! clamam os mestres à frente de suas cátedras!

Mobilizar! exortam os sacerdotes de cima de seus púlpitos!

Mobilizar! levantam-se em côro as vozes femininas!

Mobilizar! gritam os operários ao ruído das máquinas!

Mobilizar! brada a mocidade na pujança do seu valor!

Mobilizar! cantam as vozes infantis nos pátios das escolas!

E o concêrto nacional arrebanhou de pronto, ao toque de reunir, todas as vozes dispersas pelos senfins da terra brasileira paar formar este côro estupendo, vibrante, conciente e uno que é o grito de alerta da pátria ameaçada.

Quem fugirá ao compasso da marcha defensora?

Quem desentoará a tonalidade do diapasão patriótico?

Quem desafinará a harmonia vibrante da pátria espezinhada?

Não sereis por certo vós, soldado, que sois o seu guardião primeiro. Nem sereis por certo vós, sacerdote, apóstolo num país de Cristo. E nem vós, mestre, que versais a ciência na língua livre do Brasil. Nem vós, mulher, que sois a inspiradora dos sentimentos nobres. Nem vós, criança, que sois a razão mais forte da nosas luta.

Sereis por ventura vós, ancião? Vós que a quantidade dos anos afastou da luta diária nos dias normais?

Ou sereis por ventura vós, vitimas da doença, vós que o infortúnio dos males físicos colocou à margem da vida ativa?

Sois doentes ou sois velhos — mas que importa? — sois brasileiros!

Deixarieis que o timbre falso da vossa voz desafinasse o côro da harmonia nacional?

---

como fazem os médicos às doenças.

O CARRO DE BOI (perverso)

...Mas que lhe reduz a peior condição que a de um carro... sem bois... (Compassivo). Quer o meu auxílio? Ando de vagar, mas sempre puxo. No sei quando chego, mas chego...

Prendem o carreiro e o motorista com uma grossa corda o automóvel à trazeira do carro de boi.

O AUTOMÓVEL (humilhado)

Paguei pela língua... pelo motor!

O CARRO DE BOI (refletindo)

A gente não deve ter vaidade do que é. Tambem eu fui injusto, negando merecimento a sua máquina. Dezenas de cavalos, embora de vapor, galopam e hão de chegar, necessariamente, sem por isso merecerem pecha de "arrivista" e "parvenu", como o despeito do triunfo alheio nos faz às vezes dizer. Má língua é sempre filha de despeito e inveja. O que vocês não devem, na sua vitória, é humilhar aos pobres carros ronceiros que, mal mal, sempre prestam para alguma coisa...

O AUTOMÓVEL (conformado e penitente)

A "pane", o enguiço... é castigo do nosso orgulho. Bem feito que eu, com meus cincoenta HP seja puxado por uma junta de bois... Quanto maior o merecimento de uma inteligência ou de um carater, maior deve ser tambem a humildade do seu coração. Não há que ter vanglória, de nada: a vida é feita de compensações. Chia, amigo, agora na minha frente, que depois eu te jogarei poeira nos olhos...

Deixaríeis que o fúnebre silêncio respondesse por vós à chamada da pátria?

Por certo que não.

Na grandiosa fileira espiritual que se apresta, há lugares destinados para vós tambem, para vós todos, a quem o desvigor físico não permite o manejo das armas ou a participação direta nas atividades materiais.

O vosso lugar lá está e não pode ficar vazio.

A ordem de mobilizar foi dirigida tambem a vós, já que tendes um coração que pulsa e um cérebro que pensa sob o céu brasileiro.

Sois velho? Tendes a cabeça qual capulho de algodão nos campos do Brasil? O longo desfiar dos dias passados deixou trêmulas as vossas mãos e alquebrado o vosso corpo?

Que importa!

Tendes, também, o caráter e o sentimento temperados em longo contacto com a terra, em longo convívio com as gentes. Tendes a experiência melhor dos dias vividos e a paciência mais certa dos dias que poderão vir. Contais maior número de nós no laço que vos liga à terra onde nascestes. Tendes a autoridade da experiência e da vida.

São as vossas armas: lutai.

Que o vosso braço conciente ajude a encaminhar os jovens para a estrada da luta. Que vossa voz, afinada pela tradição e pelos ideais brasileiros, seja um toque de clarim a congregar as almas para o sentimento da pátria. Que a vossa cabeça pendida pelos anos, possa erguer — se ainda para olhar de frente o alvo da vitória, ancião do Brasil!

E vós, veneranda figura da avózinha brasileira?

Ao vosso lado, pendentes do vosso carinho e dos vossos conselhos, existem cabeças mais jovens, braços mais fortes, corações mais prestos. A autoridade sentimento mais forte, no fundo do de maior, porém, está no vosso gesto, e vosso coração.

Fazei dêsse gesto e dêsse sentimento a lareira do vosso lar, ao redor da qual se aqueçam a bravura, o desprendimento e os ideais dos defensores ativos da pátria. Que aqueles que trazem o vosso sangue aprendam convosco a encotrar o caminho dos heróis.

Sois doente? Tendes à vossa frente a muralha terrificante das dores físicas cerceando a vossa atividade?

Que importa! Tendes, também, mais aprofundado o pensamento na cogitação dos problemas humanos.

Tendes mais aguçada a sensibilidade para o contacto com as cousas e os homens. Tendes mais mérito na ação, mais força no sentimento.

São as vossas armas, lutai!

Que ao lado de vossa cadeira de inválido, de vosso leito de dores, a pátria reviva inteira num halo luminoso de compreensão e valor.

Mobilizai, vós, doentes, todas as forças vivas do vosso corpo para ajudar os demais no conhecimento e na compreensão da pátria. Mobilizai toda a vossa capacidade de influência para formar em cada alma que se aproxime de vós, a própria alma do Brasil.

Se o vosso braço não pode levantar uma arma de guerra, a vossa força espiritual pode armar uma dezena de braços para as fileiras da luta.

E assim, velhos ou doentes, não desafinareis no concêrto nacional. O vosso lugar ficará vazio na grande fileira espiritual que se forma para a defesa da terra brasileira.

E assim, tereis conquistado o vosso direito de desejar a luta, o direito de conquistar a vitória e o direito de gozar a liberdade eterna do Brasil.

Tereis formado, ombro a ombro, com as forças vivas da pátria.

E estareis no bloco formidavel, indestrutivel, coeso, harmônico e conciente que responde numa voz única ao chamamento da pátria, quando ela solta por todo este chão imenso e grandioso o seu grito de alerta:

BRASILEIRO! EU PRECISO DE TI!

OS sãos não teem necessidade de médico, mas os enfermos; porque eu não vim chamar os justos, mas os pecadores.

"Do Evangelho de S. Marcos".

INFORMAÇÕES

O BALÃO DIRIGÍVEL DA ARANHA

Do livro: "Máravilhas do conhecimento humano" — Henry Thomas.

Contrariamente à crença popular, não foi o homem a única criatura que conseguiu construir balões dirigíveis. As aranhas, e especialmente os filhotes de aranhas, também constroem balões dirigíveis.

A nave da aranha, porém, não pode voar por si mesma, mas tem de depender de uma boa brisa para se por a deslisar. Portanto, melhor seria compará-la com um aeroplano sem motor, que com um balão dirigível.

Se as aranhas não fizessem uso dum balão dirigível, não poderiam ser encontradas quase que em tôdas as partes da terra, como são. As aranhas são demasiado fracas e pequenas para poderem simplesmente se arrastando ou andando, atingir todos os lugares da terra onde agora habitam.

Depois de sair do ovo, a aranha agrupa-se em redor do ninho por algum tempo, com seus cem e mais irmãos e irmãs. Em breve começa a sentir a necessidade premente de viajar. Mas deve ter uma nave em que o possa fazer, e assim começa a construir seu próprio balão dirigível.

Só há para a aranha um meio de construir um balão dirigível: ela mesma tecê-lo. Tôda a nave não é, muitas vezes, senão um comprido, fino e brilhante fio de sêda. O filhote de aranha tece êsse fio e quando êste se torna muito comprido, a aranha desprende-se de sua amarra no chão e vai flutuando com a brisa, nesse seu estranho cruzeiro aéreo. Dessa forma o filhote da aranha espalha-se por todo um vasto território. Se todos permanecesse juntos, seriam necessáris alimentos em demasia para conservá-los vivos. A vida das aranhas, portanto, depende de sua habilidade na construção de balões dirigíveis.

Há diversas aranhas, porém, que não são capazes de construir por si mesmas seus balões dirigíveis. Essas aranhas penduram-se às costas de suas mães e passeiam por tôda parte, à moda das crianças dos índios norte-americanos.

Algumas dessas aranhas são amantes da aviação, possuem uma engenhoca, tão notável como o balão dirigível. Essa engenhoca é um sino de mergulhar ou um ninho de seda, em forma de sino, para ser metido sob a água. Os ovos são colocados nele e o filhote pôsto a nado nessa casa protetora. Para produzir um verdadeiro sino de mergulhar deve haver, porém, um processo de arejação. E há. Intervaladamente, a mamãe-aranha trepa numa sedosa escada de mão até a superfície, põe a metade posterior do corpo fóra dágua, capta uma bolha de ar com as pernas e depois desce de sua escada e armazena a bolha dentro do ninho.

COM a medida com que medirdes, vos medirão a vós, e ainda se vos acrescentará. Porque ao que tem, dar-se-lhe-á (ainda mais); e ao que não tem, ainda o que tem lhe será tirado.

"Do Evangelho de S. Marcos".

Origem: Doação
Preço: ——

Educando

Ano III

Número 25

Junho, 1943

E 15

ANO III NUM. 25

EDUCANDO

Revista

SOB OS AUSPÍCIOS

DA ASSOCIAÇÃO
DOS
PROFESSORES PRIMÁRIOS
DE
MINAS GERAIS

JUNHO DE 1943

ARQUIVO PUBLICO MINEIRO
N.º 527
Data 22-11-78
BIBLIOTECA

O Padroeiro dos Professores

UMA VELHA PÁGINA DE REVISTA, ENVIADA POR UMA COLEGA, CONTA-NOS QUE SANTO ALEIXO É O PADROEIRO DOS PROFESSORES, ISTO É, O NOSSO PADROEIRO. SUA HISTÓRIA SIMPLES E DOLOROSA JUSTIFICA O PATROCÍNIO. EI-LA: SANTO ALEIXO VIVEU NA IDADE MÉDIA. FILHO DE UM PODEROSO SENADOR ROMANO, ABANDONOU O LAR PARA EVITAR UM CASAMENTO IMPOSTO PELOS PAIS. PÔS-SE A PEREGRINAR PELO MUNDO, PREGANDO FÉ E HUMILDADE.

ANOS DEPOIS, UM TEMPORAL ARRASTOU-O ÀS COSTAS DA ITÁLIA. SAUDOSO DOS SEUS, DIRIGIU-SE AO PALÁCIO PATERNO. NINGUÉM O RECONHECEU, TANTO O HAVIAM MUDADO OS TORMENTOS E PENITÊNCIAS. COMO UM MENDIGO, VIVEU LONGO TEMPO AGASALHADO NO VÃO DA GRANDE ESCADARIA DO PALÁCIO, COMENDO DO QUE LHE ATIRAVAM OS CRIADOS.

PASSAVA O TEMPO, PORÉM, A ENSINAR ÀS CRIANÇAS DA RUA, O ALFABETO E A DOUTRINA DE CRISTO.

UM DIA ENCONTRARAM-NO MORTO. NAS MÃOS, TINHA UM MANUSCRITO. DA LEITURA DÊSSE MANUSCRITO DEDUZIU-SE QUE O SENADOR HOSPEDARA, COMO MENDIGO, O FILHO QUERIDO QUE JULGAVA MORTO.

A IGREJA TORNOU-O PADROEIRO DOS PROFESSORES.

A SUA FESTA REALIZA-SE A 17 DE JULHO.

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

EXPEDIENTE

"EDUCANDO"

Revista de orientação técnico-pedagógica

Registrada no D.I.P. sob o n.º 13.604

*

Direção e Redação
MARIETA LEITE

Gerência
LEONILDA S. MONTANDON
ZEMBLA PINHEIRO CHAGAS
Rua Bernardo Guimarães, 2200
Fone — 2-0267

Colaboradores diversos

*

Assinatura (12 ns.) . . Cr$ 24,00
Assinatura especial para sócios da Associação . Cr$ 18,00
Número avulso . . . Cr$ 2,50

*

Caixa Postal, 354
BELO HORIZONTE

SUMÁRIO

O PADROEIRO DAS PROFESSORAS 631

"ALEGRIAS DE MINHA VIDA NA ESCOLA PRIMÁRIA" — Helena Antipoff 633

QUESTÕES DE PORTUGUÊS — J. Lourenço de Oliveira 635

A PRIMEIRA POSSE GOVERNAMENTAL NA NOVA CAPITAL DE MINAS — Abílio Barreto . 637

PLANO DE LIÇÃO SÔBRE A RESSURREIÇÃO — Ema Ciodaro 639

A RESPIRAÇÃO NAS PLANTAS E NOS ANIMAIS — Henrique Marques Lisbôa 641

A INSTRUÇÃO EM MONLEVADE 647

CANTA, CANTA PASSARINHO — *Poesia* — Murilo Araújo 649

JUSTIÇA SEJA FEITA AOS INSETOS... QUE A MERECEM — Daniel Antipoff 650

"O JARDIM DA INFANCIA E A LEITURA" — Pennel e Cussack 654

CLIMAS DO BRASIL — Afrânio Peixoto 656

AOS NOSSOS ASSINANTES E RETIFICAÇÃO . . 665

A PRINCESA IRMÃ DA COBRA ou "A PRINCESA COBRA" 666

RÁDIO INCONFIDÊNCIA DE MINAS GERAIS . . . 668

IMPRESSA NA
GRAFICA QUEIROZ BREINER LTDA.
AV. AFONSO PENA, 351 — BELO HORIZONTE

Alegrias da minha vida na Escola Primaria

Helena ANTIPOFF

Foi com êste título que, dias atrás, um grupo de professoras primárias, solicitadas por nós, trouxeram recordações de sua infância.

Tendo hoje, 26 a 28 anos de idade na média, referem-se suas lembranças a uma escola de há 16-18 anos atrás.

Quais eram as alegrias da escola daquele tempo, alegrias tão marcadas que perduraram no meio de tantas outras já apagadas?

No quadro abaixo resumimos as 50 respostas obtidas:

Compreender bem uma lição nova	
Ler bons livros e ouvir contar histórias	4
Passeios, excursões, folguedos infantís, brinquedos com companheiros	10
Amor à professora	3
Satisfação de ver um colega, injustamente expulso, voltar ao Grupo; não denunciar um colega	2
Êxito nos estudos para agradar aos pais	4
Ser "primeira" aluna, receber medalha de mérito, ser elogiada por todos, ser oradora da turma, ser preferida, tirar boas notas, receber o diploma	25
Outras alegrias	2
Total	50

A lista das "alegrias" merece um comentário. Bem insignificantes são aquelas que se referem aos prazeres intrínsecos à Escola, ao prazer que tiramos do próprio estudo, da descoberta de novos horizontes, dos conhecimentos que vêm satisfazer à curiosidade intelectual da criança. Figuram aquí apenas com 8% de respostas.

Um pouco mais frequentes são aquelas que a Escola proporciona à criança com o seu ambiente social, pela convivência com os companheiros, nos brinquedos, como nos passeios — 20%.

Duas respostas se destacam pelo seu teor essencialmente moral, pelos sentimentos nobres que a criança experimenta na coletividade escolar, na camaradagem, tornando-a conciente do valor moral.

Quatro moças, ou sejam 8% anotam a alegria causada aos seus pais pelas boas notas que obtiveram nos estudos.

Ao lado destas respostas há umas que dominam a lista, denotando caracteres opostos: é a alegria da vaidade, do amor próprio, do orgulho. A metade das respostas (50%) se refere a isto: ser a primeira, ganhar medalhas de mérito, ser elogiada, receber boas notas, ser admirada, ser preferida... E' o que faz o fundo desta curta pesquisa, refletindo assim, é verdade que em um grupinho bem pequeno de inquiridos, o caráter dominante dos interêsses, formado na escola primária de ontem.

Seria bem interessante apurar as alegrias escolares de hoje. Continuará a Escola a cultivar, principalmente, o sentimento do eu, o espírito de domínio, a vaidade, quando tanto precisa o mundo de hoje da cooperação, da solidariedade e do verdadeiro amor ao trabalho?...

Minha Senhora!

Permanentes todos fazem, mas uma linda ondulação permanente só é feita no

INSTITUTO LUDOWIG

Massagens, limpeza da pele, Manicure, penteados e tinturas ainda no

INSTITUTO LUDOWIG

No interesse de sua beleza use sempre os afamados produtos de beleza LUDOWIG

RUA DA BAÍA, 1.075 —:— TELEFONE, 2-1969

INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA

Prof. Hilton Rocha

Livre docente de Clínica Oftalmológica das Faculdades de Medicina das Universidades do Brasil e de Minas Gerais

Dr. Pinheiro Chagas

Oto-rino-laringologista do Instituto Raul Soares e do Hospital São Francisco de Assis

CONSULTAS DIÁRIAS DAS 3 ás 6 - EDIFICIO CINE BRASIL

SALAS 608 A 614 - TELEFONE, 2-3171

DR. LUCAS M. MACHADO

Ginecologia-Obstetrícia

RUA SÃO PAULO, 692 — TELEF. 2-1697

QUESTÕES DE PORTUGUÊS

J. Lourenço de OLIVEIRA

ANHOMOFONOS

Escreve-me "uma professora" que deseja saber porque não acentuei a palavra *anhomofono* (ela acha que deve ser *anhomófono*), alegando ainda que não encontra o vocábulo nos dicionários. (*)

RESPOSTA — "Anhomofono" é vocábulo paroxítono, bem como o vocábulo *homofono*, apesar de ser comum a prosódia proparoxitônica. São ambos paroxítonos, segundo a quantidade grega (longa) do elemento "phone". A tendência proparoxitônica explica-se pela influência da palavra "homógrafo", esta sim, proparoxítona.

O fato de não encontrar o têrmo em dicionário não admira, porquanto foi imaginado pelo autor desta secção, diante da necessidade de nomear uma situação nova, criada pela acentuação gráfica, e ainda não batizada na terminologia gramatical.

Efetivamente, continuam muitos professores a chamar de homógrafos a vocábulos que *o acento diferença*. Pensando que não podia continuar êste desprêzo de um pormenor *essencial*, na grafia portuguesa, propusemos o vocábulo *anhomofono*, que nomeasse o contraste entre termos que, dentro da mesma base gráfica, apresentam uma diferença fonética, assinalada, na escrita, por um acento. São vocábulos que, não sendo homofonos nem homógrafos, guardam, entre sí, o íntimo parentesco mórfico que se percebe entre *sôpro* e *sopro*. Se, na velha grafia, à falta de sinal discriminador, *sôpro* e *sopro* — escritos sob a única forma *sopro* — admitiam ser classificados por *homógrafos*, não mais o podem ser, agora que o acento se determina justamente para *diferençar*, gràficamente, os dois termos.

Reproduzimos aquí um capítulo do TRATADO DE ACENTUAÇÃO GRÁFICA ou TOPOLOGIA DIACRÍTICA, ainda inédito, que o autor desta secção escreveu, em concordância com o último decreto federal sôbre ortografia. Tem por título: DOS ANHOMOFONOS.

"1. São anhomofonos, entre sí, dois vocábulos em tudo iguais e homógrafos, exceto em um pormenor fonético que o acento deve extremar: *sôpro* e *sopro*, *fiéis* e *fieis*, *glória* e *gloria*, *contém* e *contem*, *fábrica* e *fabrica*, etc.

2. Pela grafia do VOCABULÁRIO, dois vocábulos só podem ser homógrafos quando são homofonos: *desejo* e *desejo*, *rio* e *rio*, *morro* e *morro*, etc.

3. Duas formas com a mesma base gráfica, do momento em que se diferencem num pormenor fonético, logo se lhes diferença a escrita e falha, portanto, a homografia. Os anhomofonos, pois, não são homógrafos.

4. Há homofonos não homógrafos, como "cerra" e "serra", "cela" e "sela". Mas dois homógrafos são obrigadamente homofonos, como "forma" e "forma". Se não são homofonos, então o acento marca a diferen-

ça, como em "forma" e "fôrma", deixando os dois vocábulos de ser homógrafos, para serem anhomofonos.

5. Nesta função de diferençar vocábulos que se confundiriam está um mérito não pequeno, da acentuação portuguesa.

6. Regra — NOS PARES ANHOMOFONOS, ASSINALA-SE:

1. o monossílabo tônico, contra o átono: *pôr* e *por*, *más* e *mas*, *dê* e *de*, *as*, *às* e *ás*, etc.;

2. o monossílabo de ditongo aberto contra o fechado: *dóis* e *dois*, *réis* e *reis*, *sóis* e *sois*, etc.;

3. o oxítono de final vocálico, contra o paroxítono: *cará* e *cara*, *rapé* e *rape*, *contém* e *contem*, *porém* e *porem*, etc.;

4. o oxítono de ditongo aberto, contra o fechado: *batéis* e *bateis*, *fiéis* e *fieis*, *papéis* e *papeis*, etc.;

5. o paroxítono de vogal fechada (properispômeno), contra o de vogal aberta: *apêrto* e *aperto*, *sôpro* e *sopro*, *fôrma* e *forma*, *govêrno* e *governo*, *cêrca* e *cerca*, etc.;

6. o paroxítono de ditongo aberto, contra o fechado: *apóio* e *apoio*, etc.,

7. o paroxítono de seqüência átona, contra o paroxítono de seqüência tônica: *glória* e *gloria*, *cópia* e *copia*, *sábia* e *sabia*, *séria* e *seria*, *contínuo* e *continuo*, etc.;

8. o paroxítono de final ditongado, contra o oxítono: *amáreis* e *amareis*, *partíreis* e *partireis*, etc.;

9. o paroxítono de final consonântico, contra o oxítono: *revólver* e *revolver*, etc.;

10. o paroxítono aberto, contra o fechado: *cantámos* e *cantamos*, etc. o aberto e o fechado, contra o átono: *pélo*, *pêlo* e *pelo*;

11. o proparoxítono, contra o paroxítono: *fábrica* e *fabrica*, *cálculo*, *número* e *número*, *telégrafo* e *telegrafo*, *clínica* e *clinica*, etc.;

12. o vocábulo craseado, contra o não craseado: *àquele* e *aquele*, *àparte* e *aparte*, *mólhada* e *molhada*, *prègar* e *pregar*, etc.

7. OBSERVAÇÕES

Marcam-se vocábulos como *réis*, *batéis*, *glória*, *número*, etc. não para diferençar anhomofonos, mas para atender a normas que mandam acentuar "ditongos abertos", "paroxítonos de ditongo crescente" e "proparoxítonos", etc.

Entretanto, a discriminação, nas coincidências gráficas, revela a justeza e alcance das normas da topologia diacrítica.

Mais do que diferençar vozes não pode o acento. E' ir além das regras — e é estar errado — querer diferençar dois vocábulos homofonos, com acentos, conforme sejam verbos ou substantivos, marcando, por exemplo, "desejo", com acento circunflexo, quando nome, para diferençar de "desejo", quando verbo.

O sinal diacrítico tem finalidade exclusivamente fonética; não a tem êle taxionômica. A discriminação de homógrafos só a pode fornecer o sentido da frase."

(*) — O vocábulo tem sido empregado nesta secção.

NOTA — *Consultas para esta Redação.*

A primeira posse Governamental na nova Capital de Minas

Abilio BARRETO

ENTRE as inúmeras cousas preciosas que possue o Museu Histórico de Belo Horizonte figura um exemplar do *Jornal do Brasil*, datado de 18 de set. de 1898, contendo uma descrição completa e fartamente ilustrada das festas realizadas a 7 daquele mês na Capital então denominada Minas (antes e depois Belo Horizonte), por ocasião da posse do Presidente Silviano Brandão e da viagem de S. Excia. e comitiva, em trem especial que veio do Rio de Janeiro, trazendo convidados. Entre êsses convidados figuravam jornalistas e o caricaturista daquele jornal, Celso Hermínio, que ilustrou notavelmente a referida notícia.

Era essa a primeira posse presidencial que se realizava em a nova Capital e o fato constituiu acontecimento de singular relêvo, grande magnitude e intenso fulgor social.

Para se ter uma idéia dessas grandes solenidades e do interêsse que desperta êsse jornal preciosíssimo, basta citarmos aquí as legendas das "charges", caricaturas e "croquis" com que Celso Hermínio ilustrou a notícia da viagem e das festas em aprêço, imprimindo em tudo acentuado cunho de sabor pitoresco, de flagrante côr local e de fina graça.

Ei-las pela ordem de sua colocação nas duas páginas daquele jornal, que foi adquirido na papelaria Riant, à rua Guajajaras, a primeira que existiu na nova Capital.

"A cerimônia da posse no Congresso de Belo Horizonte" — aliás Minas.

"Retrato do Dr. Chrispim Jacques Bias Fortes, ex-Presidente do Estado de Minas".

"Dr. Silviano Brandão (croquis do natural)".

"O novo Presidente de Minas e o banquete na estação de Lafayette".

"Padre Agostinho Paraíso, o primeiro que propôs à Assembléa Provincial a mudança da Capital".

"Dr. Alfredo Pinto, presidente da comissão de imprensa mineira".

"O wagon dos representantes dos jornais do Rio — perfis" (vendo-se os representantes do *Jornal do Comercio, Noticia, Debate, Tribuna, C. P.* e do *Jornal do Brasil*).

"Rapido croquis do centro da cidade de Belo Horizonte".
"A Estação de Minas".
"O Congresso".
"Ponte artistica no Parque".
"Palacio da Justiça".
"Secretaria do Interior".
"Ilha do Parque".
"Mademoiselle Gercina Rocha, de Sabará".
"Coronel Marianno de Abreu".
"Croquis da viagem".
"Os arranjadores de camas molles ou duras... conforme a gorgeta".
"Passageiro de facil somno".
"Um que padece de insomnias".
"Um que não arranjou cama".
"Toilette no wagon".
"Um logar marcado".
"No sobrado um velho senhor resomna. No rês do chão gentil moça maldiz o seu visinho".
"Antes e depois do tunnel".
"Distrações de longa viagem".
"Ao embarcar no Rio. Ao chegar a Minas".
"Não ha formosura que resista a 24 horas de viagem".
"Para despertar os de somno pesado".
"Um passageiro de bom apetite".
"Café! Café? O allivio dos viajantes".

"Viajantes que em tão longa viagem partem moços e chegam avelhentados e quasi que com cabellos brancos".

"No baile. As moças dormem à espera que acabem os intermináveis discursos."

"Salve-se quem puder".

"Belo Horizonte é tão republicano que até o pó da rua é vermelho."

"Bello Horizonte é um céo com nuvens de poeira".

"Perfis de alguns mineiros".

"A imprensa fluminense e a imprensa mineira — amisade eterna".

"Mantimentos para a imprensa fluminense! E o tutú com jararaca, delicioso prato mineiro".

"Como ficaram os corações dos representantes dos jornaes do Rio em Sabará e em Bello Horizonte".

"As despedidas".

De preciosidades como essa possue o nosso Museu Histórico grande cabedal, que irá sendo exposto à admiração dos visitantes à proporção que estiverem convenientemente acondicionadas.

Plano de lição sobre a Ressurreição

Ema CIODARO

VI Tópico do programa de Catecismo para o 2.º ano e V tópico para o 3.º ano

PREDISPOSIÇÃO DA CLASSE

Recordar em poucas perguntas às crianças, as principais solenidades e cerimônias assistidas durante a *Semana Santa*, também chamada a *Grande Semana*.

Depois de morto, na Sexta-feira Santa, Jesús foi colocado no sepulcro por seus piedosos amigos José de Arimatéia e Nicodemos. A entrada do sepulcro foi fechada com pesada lage de pedra e guardada por soldados.

Mas, *depois de três dias, a pedra se levantou e Jesús ressuscitou* e saíu do sepulcro glorioso e resplandecente!

Enquanto o corpo de Jesús estava no sepulcro, Sua alma *desceu aos infernos* para livrar as almas justas e levá-las para o céu.

Logo que ressuscitou apareceu às pessoas amigas: Nossa Senhora, Maria Madalena, a S. Pedro, a S. Tomé aos outros apóstolos e a mais de 500 cristãos reunidos. E todos sentiram uma grande alegria vendo Jesús ressuscitado.

A sua ressurreição trouxe novamente, para a nossa alma, o dom da *graça*, da *paz* e do *amor* perdidos pelo pecado original.

Jesús ressuscitou e, pela sua morte e ressurreição, nós poderemos, um dia, gozar a sua companhia no Céu.

Mas... não basta que Jesús tenha pago por nossos pecados, nós também devemos fazer a nossa parte de sacrifícios, de lutas e sairmos vencedores se queremos merecer tão grande prêmio.

Vocês não acham que isto é justo?

Mas... no Céu só entram aqueles que foram santos. E santo é preciso começar a sê-lo desde criança, assim como vocês.

Como se torna santo?

E' preciso aprender a subir uma estrada íngreme que leva a um alto, ao cimo de um monte, o monte da *santidade*.

Para sermos seguros de não errar o caminho, e não nos desviarmos talvez, para lugares baixos (inferno), é preciso confiar-se aos guias e seguí-los com firmeza.

As crianças que já fizeram excursões distantes, os escoteiros que costumam fazer acampamentos, sabem o quanto valem os bons guias.

Quais são os guias que nos encaminham à *santidade?*

Os sacerdotes, os pais, os mestres.

Para ter livre o caminho e chegar depressa ao cimo do monte, devemos afastar para longe grossas pedras que cercam o caminho e impedem os nossos passos.

Vamos aprender a conhecer estas pedras para podermos jogá-las fora.

(A professora vai desenhando no quadro negro, uma espécie de escada, onde se veem umas pedras).

CÉU

EGOISMO

RAIVA

INVEJA

PREGUIÇA

A *preguiça* que nos impede de cumprir os nossos deveres;

a *inveja* que nos faz sentir pena pelos bens que os outros possuem;

a *raiva* que nos torna maus para com os outros e especialmente para com os menores;

o *egoismo* que faz querer tudo para nós e não dar nada aos outros.

Quem é capaz de lembrar outras pedras que precisamos atirar para longe?

(neste ponto, as crianças darão muitas sugestões).

Se quiséssemos recordar todos os nossos defeitos, não terminaríamos hoje a nossa aula.

E' preciso ter muito cuidado e estar sempre atentos para não deixarmos estas faltas morar em nossos corações, porque elas o farão endurecer como se fossem de pedra!

E então... adeus Paraíso!

Vocês, corajosas crianças, que já se habituaram a levar avante tantos bons e patrióticos empreendimentos como a "campanha do tostão", as "pirâmides de metal velho" e outros mais, quererão abandonar a mais nobre das tarefas?

Todos devemos querer ser santos. Vamos trabalhar e limpar nosso caminho para o cimo da *santidade*. Santa Terezinha do Menino Jesús, S. Tarcisio, Beata Imelda e tantos outros quiseram ser santos e o foram.

Nós os imitaremos.

Oração: Quanto és bom, ó Jesús! Qual será o meu agradecimento por tudo que tens feito e farás por mim?

Prometo esforçar-me para subir ao monte da *Santidade* e merecer o *Céu*.

QUESTIONÁRIO

1. Na 6.ª feira Santa comemora-se a .....
2. Depois de morto, o corpo de Jesús foi colocado no .....
3. O corpo de Jesús ficou sempre na sepultura? Que aconteceu ao terceiro dia:
4. Porque Jesús quís morrer?
5. Quem viu a Jesús depois de ressuscitado?
6. Ontem morreu o avozinho de Rute. Ele poderá sair da sepultura como Jesús? Porque Jesús pôde fazê-lo?
7. Os sacerdotes, os pais, os mestres são nossos guias para o .....
8. A quem devemos imitar para um dia gozar o Céu?

BIBLIOGRAFIA

"Manual de Religião" — P. A. Negromonte.

"Desenvolvimento de lições para as classes primárias. — T. Garzino e A. Colombo.

"Catecismo dos meninos" — Cristine Hemptinne, Presidente da A. C. J. B. F.".

CALÇADOS FINOS?

COMPREM NA CASA BRISTOL

10 o/o DE ABATIMENTO PARA AS PROFESSORAS

PRAÇA 7 (ao lado da LIVRARIA REX)

A respiração nas plantas e nos animais

Henrique Marques LISBÔA

Eliseu Laborne Vale, discorrendo sobre o "*programa em experiência*", lançado pelo Secretário da Educação, Dr. Cristiano Machado, afirmou serem grandes as esperanças que nele deposita e, através das *páginas brilhantes do EDUCANDO* pediu ao professorado, que em sua aplicação, lhe dessem a *centelha de fé e a alma* que *é de seu feitio comunicar às coisas do ensino*.

Julgo merecidas as esperanças nele depositadas, reconhecendo entretanto, que, em muitos pontos, êle exige a centelha de fé e a alma sempre dedicada das professoras. Isso especialmente em questões de história natural e, por ser velho naturalista, venho-me intrometer no assunto, levado ainda, por mais dois motivos: o primeiro é o de ter visto entre *as brilhantes páginas de EDUCANDO*, em seu número 12, uma "quasi intimação" feita a D. Marieta Leite. O segundo é a sedução dos próprios assuntos biológicos, enunciados no programa em questão.

Corro o risco, bem o sei, de vir empanar o brilho da revista, pois cedí à tentação de colaborar no "monumento Educacional", que o professorado primário está edificando, mas consola-me nesse intrometimento, saber que as pedras preciosas pouco sofrem pelas pequeninas manchas ou jaças que passem despercebidas. Assim declaro desde já, qual foi o assunto biológico que me pareceu pedir intervenção mais urgente: a respiração, em suas relações com a *Função clorofiliana*. Isso poderá ser discutido em 3 secções.

FUNÇÃO CLOROFILIANA

Encontramos no parágrafo 5.º do programa para o quarto ano, as seguintes subdivisões:

a — Como as folhas contribuem para a respiração dos animais;

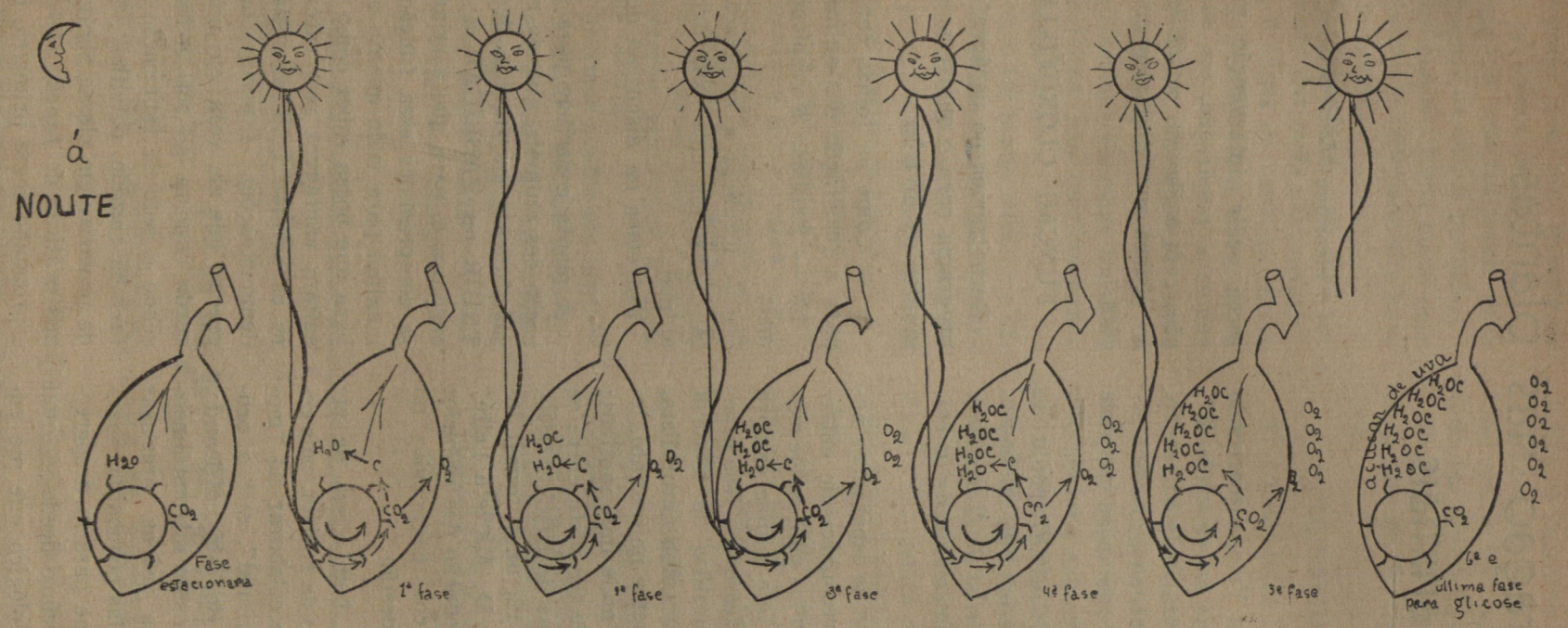
b) — Explicar a respiração animal;

c — Explicar a respiração vegetal, aparentemente contrária à do animal.

Entremos na discussão do assunto:

A planta contribue para a respiração dos animais, quando realiza a sua função máxima; a de CONSTRUIR ou FABRICAR a matéria orgânica e, para que a criança possa compreender essa função, que é máxima para tudo quanto é vivo, e para que possa saber como dela resultam vantagens respiratórias para os animais, são precisas varias demonstrações experimentais. E' preciso que ela veja em uma fôlha verde exposta ao sol, como aí vai sendo a sede de fabricação de uma farinha (amido, polvilho). Teremos de provocar em classe algumas provas práticas de *função clorofiliana;* e proponho como primeira, uma ex-

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO



NOTA: As professoras deverão colorir em verde claro as folhas, em verde forte, a roda de moinho com suas pás, em vermelho o sol e o seu trajeto helicoidal

periência que deverá ser dividida em duas partes:

1.ª PARTE

Para a primeira parte da experiência precisamos do seguinte:

1.º — uma rolha,

2.º — dois alfinetes,

3.º — uma planta verde, plantada em vaso portátil;

4.º — um pequeno vidro com alcool.

A rolha será partida em duas rodelas, em secção nítida transversal, para que entre elas intercalemos uma porção marginal da folha; os *dois alfinetes* atravessando as *rodelas de rolha* e o trecho da folha intercalada, prenderá o conjunto, de modo a que fiquem bem ajustado para poder vedar bem a passagem de qualquer porção de luz solar. Com um papel de embrulho, devidamente dobrado e preso por dois alfinetes, podemos tambem esconder grande parte de uma outra fôlha.

A planta com a fôlha, em parte escondida dos raios solares, deverá ficar onde possa receber sol. Durante dois dias ou mais, a planta irá esgotando o amido que existia na parte intercalada entre os pedaços de rolha e não poderá fazer aí novas fabricações. A fôlha, sendo removida, poderá se prestar à demonstração. Corta-se a fôlha da planta, para mergulhá-la imediatamente no vidro com alcool, terminando assim, a primeira parte da experiência.

2.ª PARTE

Para continuação da prova precisamos ainda de:

5.º — um segundo vidro com alcool;

6.º — duas chícaras com água;

7.c — uma pitada de farinha;

8.º — um pouco de tintura de iodo.

Isso tudo pode parecer mandinga ou feitiçaria, mas não se assustem, pois o que estou propondo é uma prova *testemunhada*.

O segundo vidro com alcool servirá para receber a fôlha que esteve em descoramento, desde a véspera, dentro do primeiro vidro de alcool.

Não se deve lançar fora o alcool servido, e corado em verde pela clorofila, porque o podemos aproveitar em outros trabalhos.

A folha deverá demorar o tempo necessário ao descoramento quasi completo no segundo vidro e nesse mesmo dia, tarde, ou no dia imediato já suficientemente descorada, passará para umas duas chícaras com água.

Na outra chícara, deitaremos a pitada de farinha, e poderemos rematar a prova, pingando umas dez ou doze gotas de tintura de IODO em cada uma dessas duas chícaras.

Agitando-se as chícaras, com a água iodada, veremos, no fim de uma hora, a fôlha corando-se em azul muito escuro, e da mesma forma, e ràpidamente, a farinha. Haverá entretanto uma falha, na fôlha, essa falha correspondente ao trecho da fôlha encoberto pelos pedaços de rolha ou pelo papel de embrulho grosso.

A conclusão que brota dessa falha da côr azul escuro, no bordo da fôlha é que nesse lugar a planta não fabricou farinha, ou melhor, que os raios SOLARES não penetraram aí e não fizeram a fôlha trabalhar nesse ponto.

As crianças poderão fazer em suas casas, a primeira parte da experiência, protegendo contra os raios solares, pequenos trechos de folhas, como as do xuxú. Essas são especialmente fáceis de serem descoradas, e no dia imediato, em aula, a professora repetirá com várias folhas a parte da prova. Isso atrai sempre a atenção das crianças.

Realizada essa prova prática passemos à *teoría*, isto é, à *explicação* do fenômeno empírico observado.

Como é que os raios do sol poderão auxiliar a planta a fabricar essa farinha, escurecida na fôlha, pelo IODO?

Essa parte explicativa, portanto, parte técnica, está pedindo outra experiência, a de mostrar às crianças que é com CARVÃO (ou CARBONO) e ÁGUA que a planta verde forma farinhas, (açucares ou madeiras). Em outras palavras, teremos de mostrar que, *nos açúcares, nas farinhas, e nas madeiras, só há* carvão e àgua escondidos, ou melhor combinados e assim perdendo os caracteres de carvão e de água.

Para essa demonstração precisamos de:

1.º — uma velha colher de sopa com um pouquinho de açúcar;

2.º — um pouco de algodão hidrófilo, formando um pavio grosso;

3.º — um pouco de alcool para embeber o pavio;

4.º — um pires para colocação desse pavio embebido em alcool;

5.º — um fósforo para acender essa lâmpada de alcool improvisada.

A colher com o açúcar será levada à chama da lâmpada improvisada, para aquecimento demorado, evitando-se a combustão direta do açúcar. As crianças poderão ir verificando como:

a) o aquecimento começa a derreter o pó branco;

b) que êsse toma o aspecto de uma água suja de carvão;

c) que a água se irá evaporando;

d) até deixar na colher somente um pouco de carvão.

Estou certo de que alguns dos pequenos lamentaram ter sentido um delicioso cheirinho de caramelos, sem que disso resultasse para elas algumas balinhas saborosas.

Terminada essa sessão de mágica transformista, em que o açúcar se transmudou em água e carvão, passemos a chamar êsse carvão de CARBONO, para tentarmos agora de novo uma volta à teoria.

Poderemos levar as crianças à pergunta:

Onde teria a planta buscado o CARBONO e a ÁGUA, que misturou (misturou, não; teremos de dizer que COMBINOU) combinou em um corpo diferente: em açucar, e depois em farinha, e depois em outras coisas como os oleos ou azeites, etc.?

A *água*, sabem elas, que as plantas terrestres a retiram do solo por meio de suas raizes. Por isso se afirma que em terrenos extremamente sêcos, *plantando sem regar* não podem prosperar hortaliças, cujas raizes não atinjam grandes profundidades.

O *carbono* é retirado, é arrancado do gás CARBÔNICO. Êsse gás carbônico existe na atmosfera e existe dissolvido na água em contacto com a atmosfera. E' o gás que lançamos fora dos pulmões, em abundância, quando expiramos. Inspiramos na respiração pouco gás carbônico, *misturado* com oxigênio e azo-

to (nitrogênio) e expiramos menos oxigênio, mais gás carbônico e a mesma quota de azoto.

E' uma *combinação* diferente do açúcar, pois no açucar há carbono e água, nesta há CARBONO e um gás chamado OXIGÊNIO. Êste é o tal que precisamos *inspirar* muito na respiração.

Que será êsse oxigênio que precisamos inspirar muito?

Quando a cozinheira ou a engomadeira abanam as brasas do fogão ou de ferro de engomar, é o OXIGÊNIO do ar que passando sobre as brasas as tornam mais vivas e pode até provocar labaredas. E' êle que sendo abundante junto das árvores, nos jardins e nas florestas, leva o povo a dizer que aí o ar é mais PURO. Para mostrar labareda produzida pelo ar livre e o apagamento em ar confinado, podemos nos servir de: a) uma vela; b) um fósforo para acendê-la e c) um copo vazio. O copo emborcado sobre a chama de uma vela, a fará apagar-se à medida que for descendo sôbre ela. Essa experiência é o contrário do abanar um ferro cheio de brasas.

O oxigênio que ativa a brasa, que mantém a chama da vela, é também o elemento que mantém a nossa vida. Sem êle morreremos em poucos minutos.

Penso que agora poderemos voltar à tentativa de explicação do fenômeno primordial da vida; creio que com a *centelha de fé e a alma decidida da professora, serão acessíveis às* crianças raciocínios químicos *esquemáticos*, com fórmulas e figuras também *esquemáticas*.

Poderiamos, por exemplo, dizer-lhes que os químicos representam o oxigênio do ar por — O2.

Poderíamos dizer-lhes que sendo o gás CARBÔNICO, uma combinação de CARBONO (— C —) e de oxigênio (— O2 —), os químicos o representam por — CO2.

Convencionando isso, poderemos então perguntar: Se a planta verde tira — C — de — CO2 — que é que fica?

Isso figurado no quadro negro, a professora riscará o — C —, ou o apagará, ficando assim berrantemente a sobra — O2.

Ora — O2 — é exatamente o oxigênio que precisamos para a respiração.

E' possível que alguma criança fique a matutar na bondade, ou melhor na generosidade da planta que arranca o — C — para nos deixar o — O2 — que tanto precisamos. Teremos de lhe dizer que não é isso: a planta precisa arrancar, para si mesma, o CARBONO com que fabricará seus açúcares, farinhas, madeiras, etc. e disso, felizmente para os animais sobrando o O2.

Teremos de abordar outra questão correlata, de importância capital: a necessidade de uma FÔRÇA para que seja possivel qualquer TRABALHO.

Para o TRABALHO de ARRANCAR — C — a planta carece de FÔRÇA, ela carece de ENERGIA. A força que a planta verde utiliza, para esse fim, é a ENERGIA SOLAR.

O papel dos raios solares não é fácil de ser compreendido, mesmo por gente adulta e, por isso proponho uma explicação esquemática, comparando-os com correntes de água. Lembro a água lançada com violência nas rodas, por exemplo de

um moínho de fubá (*farinha* de milho).

O sol projeta seus corpúsculos luminosos, os corpúsculos do grande Newton, sôbre a planta clorofilada e, por isso, verde. Em esquema imaginaremos cada grânulo de clorofila como uma roda de pás e com isso podemos naturalizar em trabalho esquemático o TRABALHO realizado pela planta servindo-se do sol sobre o grão de clorofila.

A série de figuras seguintes dão idéia de como costumo explicar às crianças o papel da ENERGIA SOLAR na planta.

Chamamos logo a atenção para uma das diferenças fundamentais, a saber: 1.º — NO MOINHO, a farinha fina é formada com a polpa do milho, e o que se despreza é a película;

na FÔLHA, o que a planta quebra é o gás carbônico (CO_2) e o que ela despreza é o OXIGÊNIO (O_2).

2.º — NO MOINHO, a energia motora é a corrente de água;

na FÔLHA, é a corrente dos corpúsculos luminosos.

3.º — NO MOINHO, só há quebra (*demolição*) de grãos para conseguir farinha;

na FÔLHA além da quebra de — Co_2 —, há uma *construção* para se formar a farinha e outros produtos.

Penso poder agora voltar à primeira pergunta do programa no tópico que estamos discutindo:

PERGUNTA a) Como as fôlhas contribuem para a RESPIRAÇÃO dos animais?

RESPOSTA — Tirando o CARBONO do gás CARBÔNICO, e, por isso, DEIXANDO LIVRE o OXIGÊNIO; oxigênio êsse de que justamente muito precisam os animais.

Se explicações desse genero interessam às professoras, voltarei no próximo número a discutir o segundo parágrafo:

b) Explicar a RESPIRAÇÃO.

Êste fenômeno é exatamente o oposto da função clorofiliana; é êle um fenômeno de DESTRUIÇÃO, enquanto que o trabalho da clorofila é uma CONSTRUÇÃO.

LABORATORIO VERITAS

Química e Microscopia Clinica

Drs. ALMEIDA CUNHA e E. DE SOUZA e SILVA

PROFESSORES DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS

e VIRGILIO HE'LIO MOSCI

PREPARADOR DA FACULDADE DE MEDICINA

AV. AFONSO PENA, 610 — SALAS 608 E 610 — 6.º ANDAR e AP. 1 DO 7.º ANDAR — TELEF. 2-3333 — EDIFICIO CRUZEIRO

CAIXA POSTAL, 149 — BELO HORIZONTE

A INSTRUÇÃO EM MONLEVADE

Ao lado da faina siderúrgica de Monlevade, esta graciosa e promissora localidade conta com um grupo escolar instalado em 3 de julho de 1938 com uma matrícula de 148 alunos. Como tôda obra que se inicia, formavam o corpo docente do novo estabelecimento apenas 4 professoras. Mas, no fim do mesmo ano, a matrícula acusava uma alta significativa. Nada menos de 355 alunos frequentavam o grupo, e o número de professoras subia de 4 para 8, além da diretora. Como é natural, funcionando tão poucos meses, as promoções não poderiam ser elevadas. As que se deram, porém, denotaram o esfôrço e a eficiência do professorado no desempenho de sua árdua missão. Assim, 49 alunos conseguiram ser promovidos do 1.º para o 2.º; 33 dêste último para o 3.º e 13 do 3.º para o 4.º ano.

O prédio onde se acha instalado o grupo e que vem servindo em caráter provisório, é confortável, localizando-se em ponto central da cidade.

Uma particularidade digna de menção é ser o grupo escolar de Monlevade uma organização particular mantida pela Companhia Siderúrgica. Quer nos parecer que é único no gênero em Minas Gerais e assinala brilhantemente, a colaboração particular em benefício do ensino.

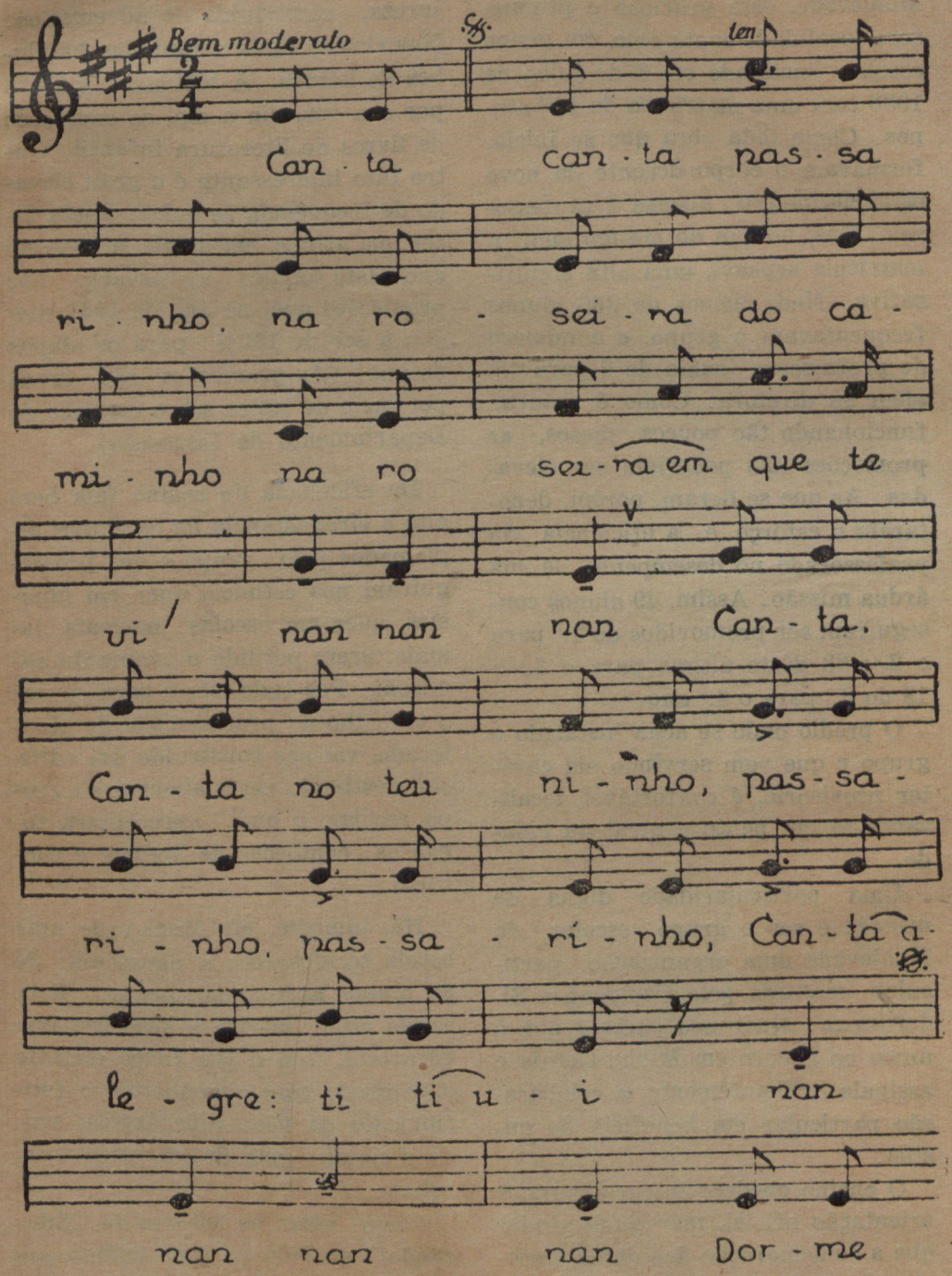
O ensino obedece integralmente à orientação oficial, merecendo destaque a comemoração das datas nacionais. Possue o grupo uma Caixa Escolar que tem prestado grandes benefícios às crianças mais necessitadas, notadamente nos primeiros anos da fundação de Monlevade, quando a população era por sua natureza, constituida de adventícios. Nas classes mais adiantadas há clubes de leitura. A biblioteca infantil por sua vez, dia a dia, se enriquece de livros de literatura infantil. Outro fato interessante é o grau elevado de frequência às aulas. Basta dizer que atinge, em média, a 98% no ano. Isto explica a elevação das promoções que, no ano de 1941 chegou a ser de 100% para os alunos do ano. (As promoções são feitas por meio de testes sob o contrôle do Departamento de Educação).

Da eficiência do ensino fala bem alto a circunstância de os alunos diplomados pelo grupo e que prosseguiram nos estudos, quer em ginásios, quer em escolas normais, jamais terem perdido o exame de admissão. Por tudo isto e para coroar o trabalho do professorado de Monlevade, vai ser construído um edifício, destinado especialmente ao grupo escolar, o qual apresentará tôdas as condições de higiene e confôrto.

Há, também, em Monlevade uma escola técnica com a matrícula de 90 alunos aproximadamente. Esta escola cuja mérito é desnecessário encarecer, tem o seu corpo docente organizado com engenheiros e funcionários da Cia. Siderúrgica, sendo dirigida pelo dr. Geraldo Parreiras.

Como vêem os leitores de "Educando", ao lado de suas usinas que atestam a grandeza criadora de Minas Gerais, o grupo escolar e a escola técnica formam bons brasileiros e bons brasileiros para o serviço da Pátria.

Canta, Canta, passarinho



NOTA — Tanto a poesia como a música foram tiradas do livro: "A estrêla azul" — Murilo Araújo.

De Murilo Araújo

Canta, canta, passarinho

Canta, canta, passarinho
na roseira do caminho
na roseira em que te vi...

Canta, canta no teu ninho —
passarinho, passarinho —
canta alegre: "ti-tiu-í".

Dorme, dorme, — passarinho,
no teu berço bom de arminho,
passarinho que sorrí...

Dorme enquanto com carinho —
passarinho, passarinho —
Tua mãe vela por ti...

JUSTIÇA SEJA FEITA AOS INSETOS... QUE A MERECEM

Daniel ANTIPOFF

A Idade da Pedra já se foi. O homem livrou-se das feras que invadiam suas vilas. Hoje pode descansar tranquilo; o policiamento está sendo garantido tanto contra os irracionais de tamanho respeitável, como contra os nossos semelhantes mal intencionados. A ameaça, é verdade, sempre existe!

No entanto, é só em nosso século que o homem se preocupou em travar combate contra o mais traiçoeiro, o mais numeroso entre as espécies animais e ainda visíveis a olho nú, o inseto.

Até hoje, quem assumiu para nós o policiamento contra os insetos, foram as aves. As terras abertas, destocadas e cultivadas parecem ter afugentado para os bosques os passarinhos remanescentes e medrosos. Na hora da colheita, porém, as aves não se esquecem, elas, de visitar o lavrador. Quanto ao inseto, um meio propício abriu-se para folgar e procriar-se. São campos de terra fôfa, de vegetação delicada e irrigada.

Examinemos, pois, com mais vagar, como alguns dêstes impiedosos nos prejudicam e como pelo contrário outros nos prestam relevantes serviços.

I. QUAIS OS PREJUIZOS

Há quem profere em desafio uma certa frase em que se fala da SAÚVA e do Brasil. E' verdade que é mais fácil lamentar-se do que agir. A saúva, porém, age e pouco fala. Só abre as mandíbulas para cortar o que encontra de vegetal. A FORMIGA QUEM-QUEM prefere as plantas cultivadas aos capins do mato. Faz seu ninho numa moita pouco funda ou numa forquilha de galhos. De noite, anda numa via tapetada de recortes de *fôlhas* e *pétalas*, levando o fruto da sua colheita para os fungos que cria no ninho.

A ABELHA IRAPUÁ ou abelha cachorra como por aquí a chamamos, é pretinha.

Não ofende seriamente a gente apesar de prejudicar bastante os pomares. Ataca sobretudo os brotos novos do laranjal. Seus recortes regulares nas fôlhas parecem feitos por uma serra. E' nisto que êstes recortes uniformes se diferenciam dos estragos sem método, deixados pela formiga.

AS LAGARTAS, tôdas elas, atacam as fôlhas. Surpreendente é às vezes seu tamanho quando se pensa que nascem de ovos minúsculos, postos por uma borboleta colorida. Enquanto a inofensiva borboleta com sua trompa espiral só chupa o nectar das flores, a lagarta com suas fortes mandíbulas corta as fôlhas e delas se alimenta. Quando atravessa a fase de crisálida, abriga-se dentro de um casulo sedoso, que por vezes, durante meses a fio se conserva enterrada, aguardando a passagem do frio.

Os GAFANHOTOS e seus parentes imediatos já mostraram através dos séculos, que ameaça apresentam às lavouras. Já chegaram até o sul

do Estado de Minas, em nuvens densas tocados pelos ventos dos Pampas e da Argentina.

A BROCA prefere, às fôlhas, os *galhos* em que perfura longas galerias.

Nascida de coleópteros ou pequenos bezouros, aparece sob a forma de um verme claro. Sua boca escura é provida das já conhecidas mandíbulas. A broca representa a fase larval do inseto. Quando a seiva das árvores, em consequência destas secções, se encontra bloqueada sem poder espalhar-se até às extremidades dos galhos, tudo amarelece e morre.

Certas brocas não se recusam um passeio *nas frutas* de casca macia e até áquelas envolvidas por um tegumento resistente. Prova-se de tudo, um pouco da semente, amido, polpa, se existir... O furo pelo qual entra, não se compara com o furo que lhe seria preciso para sair no fim do veraneio.

Numerosos são os insetos que possuem por boca um tubo cercado de estiletes. Por meio deste tubo, sugam a seiva das fôlhas. Os PULGÕES, geralmente concentrados nos brotos novos da laranjeira e da couve, as cochonilhas, o tripes e até a conhecida cigarra, deterioram as fôlhas, tirando-lhes a clorofila necessária à assimilação do gás carbônico. Depois de sua passagem, aparecem manchas amarelas sôbre o fundo verda da fôlha. A planta abafada e enfraquecida frutifica mal e morre. Insetos de estrutura bucal semelhante, danificam também o tomate, os *tubérculos* e sobretudo a *cana do açucar*. Ressecam a cana e infestam a planta de suas secreções ou excrementos.

O CUPIM tambem não é entre os insetos o menos inofensivo para a lavoura. Fraqueja as *raizes*, as sementes ou tubérculos que se plantam para a próxima colheita. Quantas casas já não desmoronaram por ter sido suas madeiras invadidas pelo cupim!

Ainda prejudicam indiretamente os vegetais, os insetos que hospedem fungos ou organismos causadores de doenças. Locomovem estes microorganismos, às vezes, protozoários, de uma planta já doente para uma outra ainda sadia, e assim *espalham as moléstias*.

Os insetos não são apenas amadores de vegetais. Há INSETOS CARNÍVOROS, HEMATÓFAGOS e outros. Os insetos parasitas, como os PIOLHOS, os PERCEVEJOS, as PULGAS, não só *enfraquecem suas vítimas*, como também são suscetiveis de contaminarem os animais que parasitam com *germens patogênicos*.

À MOSCA DO BERNE, de reflexos brilhantes e coloridos, deve-se atribuir a paternidade da larva que chamamos de berne. Nesta fase o inseto causa grandes prejuízos aos criadores de gado *desvalorizando muito o couro*.

O BICHO DO PÉ, por sua vez, (ou melhor "a bicha do pé" se fosse possível, pois é só a fêmea que se aloja na pele quente dos mamíferos no momento da postura) torna-se um parasita perigoso *pelas infecções* que às vezes contrái.

A MOSCA DOMÉSTICA é terrivelmente responsável pelas moléstias que espalha, pousando-se tôda suja sôbre nossos alimentos.

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

OS MOSQUITOS, Anofeles e Estegomia são também outros tantos *transmissores indiretos das febres palúdicas e amarelas*.

Se os meios de defesa ainda podem ser agrupados entre os prejuízos que nos causam certos insetos, mencionaremos os seguintes: secreções *de cheiro desagradável*, que desempenham uma função de repelentes, como no percevejo; secreções acompanhando a "ferroada" que teem um efeito *cáustico* quando alcançam a mucosa (Formiga cuiabana, maribondo, abelha).

II. QUAIS OS BENEFÍCIOS PROPORCIONADOS AO HOMEM PELOS INSETOS

O mundo hexápode também tem seus defensores. Raramente é devido à pura amizade. Em troca porém a certos favores, o homem se prontifica a cuidar do seu protegido com dedicação e defendê-lo contra as agressões.

E' bastante conhecida aquela gravura que representa o apicultor enfeitado de uma barba de abelhas, acudidas à sua chamada. Tem-se deste modo uma ilustração de quanto estes himenópteros possuem de discriminação: entre vários indivíduos, êles reconhecem um só e legítimo dono. Só a êste testemunham o carinho máximo, na interpretação daqueles seres.

O MEL e a CERA constituem, como todo mundo sabe, os *produtos inteiramente preparados pelas laboriosas* operárias. Um como o outro provém do néctar das flores. Para haver mel é preciso que o néctar seja assimilado e atravesse a glândula melífera, que transforme a sacarose do pólen em glicose. Não se dá o mesmo em relação à cera. Esta, transportada nas patas da abelha, deve sua consistência ao trabalho efetuado pela mistura sábia entre a água e o néctar.

Prosseguindo com os produtos de que aproveitamos no estado mesmo em que êles nos são dados pelos insetos, apontaremos: as asas multicores das borboletas, o corpo de certos bezouros de aspecto prateado... Constituem *objetos de arte*, quando delicadamente encaixadas em quadros, broches e outros dispositivos. Que culpa teem êles de ser bonitos! Se soubessem disso, talvez não se exporiam ao alcance do homem. Aliás, mesmo entre os irracionais, a prudência é desprezada! quando o mal é formosura!

Desde milhares de anos, a *indústria sericícola* é conhecida no continente asiático. Faz muito menos tempo, porém, que os nossos ancestrais do Ocidente conceberam que a seda natural provinha de um inseto. Centenas de metros de fio sedoso são retirados de um só casulo. Estes, antes de transformarem-se em tecidos delicados passam pela fiação.

Enfim, ao homem a inteligência foi dada, e em nome dela, diante de nada recua. Sacrificar milhares de casulos só para obter poucos metros de seda?

Isto não o incomoda e se fossem apenas insetos!...

A CANTÁRIDA, por sua vez, constitue um inseto útil pelo *produto farmacêutico* que dela se faz, como substância vesicante.

Outro coleóptero, encontrado na

índia fornece uma *ótima tinta*, quando se dissolve o pó resultante da moagem do seu exoesqueleto quitinoso.

Como em todos os ramos biológicos, os grandes devoram os pequenos. Esta propriedade é largamente verificada entre os insetos. O LOUVA A DEUS não se envergonha dêste hábito e por isso nós lhe somos agradecidos. A JOANINHA, por mais inofensiva que pareça, é *grande caçadora de pulgões*. Para animá-la neste vício, os entomologistas americanos não acharam nada melhor do que fomentar a criação desta joaninha em gaiolas fechadas. Lá, êles lhe administram copiosas refeições de pulgões, até o dia que, multiplicadas em milhares, soltam-nas por cima do pomar. Por ocasião do livramento, os cientistas lhes sugerem: "A pátria espera que cada um cumpra seu dever; — assegure-se a existência pelo extermínio de quem saqueia a vegetação".

Se não houvesse insetos, é bem provavel que numerosas epidemias se estenderiam nos lugares úmidos e particularmente sombrios. Referindo-se aos corpos de animais mortos, que em breve sofrem a putrefação, compreender-se-á imediatamente o papel daqueles insetos. Atraídos logo pelo cheiro da matéria orgânica em decomposição, *êles eliminam ràpidamente tudo que seria suscetível de contaminar a atmosfera*.

Outro relevante serviço que prestam os insetos a certos vegetais. Êles auxiliam grandemente *a polinização das flores*. Há flores que, pela sua estrutura, nunca poderiam ser fecundadas sem a intervenção dos insetos. Certas variedades de abacateiros, por exemplo, apesar de ter flores hermafroditas, não frutificam. Nesse caso, o fenômeno se explica do modo seguinte: os órgãos sexuais diferenciados não funcionam ao mesmo tempo. Enquanto os estames soltam o pólen, o pistilo não o recebe por estar fechado. Quando de tarde o pistilo se abre, os estames cessam de funcionar, e vice versa, em certas espécies. Assim, quando existe um abacateiro isolado, cabe aos insetos levarem sem perda de tempo, o pó fecundador de uma flor a uma outra flor de categoria oposta.

Partindo da idéia de que os peixes são úteis ao homem, êstes devem a vida em grande parte aos insetos e particularmente às suas larvas aquáticas.

O mesmo poderemos dizer das nossas *aves domésticas*, que teriam uma postura fraca se não recebessem sua ração suplementar de carne fresca em larvas, cupins e parentes.

Já que falamos de alimentação em que o inseto serve de petisco, podemos acrescentar que ela não é exclusiva de certos irracionais apenas: *há povoações humanas que recorrem a êste alimento*. São tribus Hotentotes do sul-este africano, que devido ao grau de apatia em que se encontram, dedicam-se a esta caça, fácil naquela região.

Enfim, os amadores de goiabas não devem rir dos Hotentotes que comem insetos assados, pois êles mesmos comem outros, e os comem crús.

"O JARDIM DA INFÂNCIA E A LEITURA"

PENNELL e CUSSACK
(EXCERTO)

A capacidade de interpretação do simbolismo da leitura exige um vasto cabedal de experiências humanas e de experiências da natureza. À criança citadina falta, em geral, o contacto com a natureza, aquele contacto que a torna capaz de interpretar histórias de pássaros, de flores e animais. Ao pequeno campesino, escasseiam as experiências sociais. Daí a necessidade da escola fornecer à criança as experiências de que careça. O jardim de infância possibilita a formação dêsse lastro aperceptivo, indispensável à apresentação dos símbolos da leitura. Isto se realiza através de excursões ao campo, a parques, a granjas e a lugares onde possa a criança apreciar o homem em ação, como departamentos de serviços públicos (por exemplo, corpo de bombeiros), estabelecimentos comerciais, industriais e agrícolas e da participação na responsabilidade de cuidar de plantas, jardins, pássaros, peixinhos e animais domésticos, o que lhe dá maior capacidade de entendimento e apreciação do fenômeno de interdependência social.

Além do cabedal de experiências necessárias à interpretação do material de leitura, deve a criança, também, possuir um bom repertório de vocábulos da línguagem corrente. Êstes serão adquiridos, gradativamente, em palestras entaboladas após as excursões, através do desdobrar de atividades e das oportunidades que se lhe apresentem de ouvir contar e contar histórias, ouvir recitar poesias, ouvir cantar e participar de cantos.

Às crianças, maiores oportunidades de expressar-se e de obter respostas para as suas interrogativas, apresentam-se no jardim de infância do que na escola elementar. O emprêgo abundante de objetos, nesta fase de preparação para a leitura, facilita aos pequenos estrangeiros o aprendizado da língua, que assim se processa pelo modo ideal.

Nenhuma tentativa de ensino de leitura se deve fazer no jardim de infância, visto que os testes psicológicos vieram demonstrar que, antes da idade mental de seis anos, a criança não atingiu ainda o grau de maturidade indispensável para lidar com o complexo da leitura. Muitas crianças, entretanto, que cronologicamente pertencem ao jardim de infância, já atingiram mentalmente os seis anos requeridos para o aprendizado da leitura e devem, portanto, estar capazes de efetuá-lo com aproveitamento; enquanto outras que já completaram cronologicamente os seis anos, ainda não estão aptas a iniciar tal aprendizado, por estarem retardadas no seu desenvolvimento, não havendo ainda atingido os seis anos de idade men-

tal. E', pois, de magna importância que se procure determinar por meio de testes psicológicos, se a criança possue o grau de maturidade indispensável ao aprendizado da leitura, porque, se a forçarmos a empreender tal aprendizado, prematuramente, sobrevirão o desânimo e uma atitude permanente de desgôsto para com a leitura; e, se ao contrário, protelarmos excessivamente êsse aprendizado, minguará o interêsse e se formarão maus hábitos.

O jardim de infância muito pode fazer para criar e nutrir o interêsse pela leitura:

1) — ampliando as experiências da crianqa, afim de que se desenvolvam o interêsse pelos livros e a capacidade de compreensão do seu conteúdo;

2) — contando-lhe histórias, ensinando-lhe rimas e poesias infantís;

3) — levando-a a repetir historietas muito simples;

4) — fazendo-a dramatizar quadrinhas e outras rimas ao seu alcance;

5) — rodeando-a de figuras e livros de estampas, ora acompanhadas, ora não, de legendas;

6) — fazendo-a decorar algumas poesias muito curtas e canções infantís.

E, quando surgir a necessidade do uso de símbolos escritos, para a denominação das construções realizadas em classe (edifícios públicos ou outros da comunidade), deve-se fazê-lo, tendo, porém, o cuidado de não usar palavras isoladas, afim de que desde o início a vista se habitue a abarcar grupos de palavras relacionadas ou unidades de pensamento; motivo pelo qual não é aconselhável o uso, no jardim de infância, de rótulos nos objetos e no mobiliário.

ESCOLARES!

FAÇAM SUAS COMPRAS NA CASA QUE, ALÉM DE OFERECER OS MELHORES PREÇOS DA PRAÇA, POSSUE O MAIOR STOCK DE ARTIGOS DE PAPELARIA DO ESTADO DE MINAS.

OLIVEIRA, COSTA & CIA.

FUNDADA EM 1886

AV. AFONSO PENA, 1050 — FONES 2-1607 e 2-3016

CAIXA POSTAL, 14 — BELO HORIZONTE

CLIMAS DO BRASIL

Afranio PEIXOTO

(Extraído dos "Anais" do IX Congresso Brasileiro de Geografia - pub. do Conselho Nacional de Geografia-Rio-1943).

O clima é o principal dos fatores ecológicos. Tôda a natureza viva, como também a outra, depende dêle. A geo-física não podia deixar de governar a geo-biologia. Como houve um imperativo determinado pelo clima, haverá uma arte de se condicionar a êle, para a sobrevivência, para a vida feliz. Haverá também uma arte de adaptar o clima às nossas conveniências. A locomoção permite mudar de clima; o urbanismo, a edificação, a ventilação, o vestuário, a alimentação, o regime de vida, a "climatização" ou aquecimento e refrigeração permitem modificar ou suprimir o clima.

Para tudo isso a noção primeira é a do clima natural. Mandam-me dizer do "clima do Brasil".

* * *

Estamos situados no hemisfério sul, a maior parte entre trópico e equador. A distribuição de terra e água nesse hemisfério tem importância. Dois terços da superfície do Planeta são revestidos pelos mares; do têrço de terras descobertas, mais de metade ocupa o hemisfério norte. Ora, a atmosfera úmida dos mares absorve maior quantidde de calor solar do que a atmosfera relativamente mais sêca que cobre as terras, de onde maior calor chega aos continentes do que ao oceano. Ainda parte do que êste recebe se emprega em evaporar a água da superfície. As correntes marinhas quentes, que partem do equador, e as frias que vêm dos pólos, concorrem para alterar as disposições de latitude. O fato é que, por essas razões, a temperatura média do ar na superfície dos mares é menor que a das terras, na latiude correspondente, até 45° (Angot). Daí por diante, até os polos, é o contrário que sucede. Isto explica porque nas zonas quentes o hemisfério norte (maior superfície marinha, em qualquer latitude e mar mais frio do que as terras até 45°), e porque nas zonas frias o hemisfério sul é menos frio do que o hemisfério norte (mares mais quentes além de 45°).

Nas grandes profundezas a água do mar é quase imóvel, ao contrário do que sucede na superfície, numa altura de algumas centenas ou talvez de um milhar de metros. As correntes que se formam por êsses movimentos são constantes e regulares, por efeito das causas que os determinam. Elas são, principalmente, as mesmas que produzem as correntes atmosféricas, ou os ventos regulares, dos quais dependem. O atrito contínuo dêstes sôbre a superfície da água acaba por conduzí-la em correntes da mesma direção. Diferenças de densidade, decorrentes de outras de temperatura, composição, salgamento, são causas com-

plementares. Constantes e regulares, como as correntes marinhas, têm, como as outras, temperaturas que denunciam sua origem e proveniência.

Nas costas do Brasil, do cabo de S. Roque para o norte e para o oeste, passa uma corrente quente que vem da África, continua pelas Guianas, América Central, até reunir-se com outras que se formam no mar das Antilhas e Gôlfo do México. Daí seguem rumo nordeste, e, sob o nome de "Gulf Stream", ou corrente do golfo, aquecem as costas dos Estados Unidos, dirigindo-se para a Europa, banhando França, Inglaterra, até Noruega, cujo clima é assim temperado. Basta dizer que no inverno, perto de Nova Iorque, sendo a temperatura média da superfície do mar de 6°, no meio da Atlântico, no decurso do "Gulf Stream", em latitude igual, a temperatura é de 18°.

As costas de leste do Brasil são banhadas por um ramo daquela corrente africana, que retrocede à sua origem, fazendo vasto movimento em tôrno de Santa Helena, Ascenção e Tristão da Cunha, como os ventos normais que sopram sôbre as nossas costas (Morize).

Correntes frias fazem-se em sentido contrário em certas regiões: assim, no Atlânitco, as costas do Canadá e dos Estados Unidos, ao nordeste, as da América do Sul no Pacífico, são resfriadas — por correntes polares. Isto explica porque, na mesma latitude, as costas dos Estados Unidos são mais frias que as correspondentes da Europa, e como o litoral do Chile e Perú é tão diferente do Brasil e Argentina, sôbre que têm influência correntes marinhas e atmosféricas de temperaturas opostas.

Uma latitude para o norte ou para o sul é corrigida muitas vezes pela altitude, em compensação de clima e até mudada em clima frio. Têm-se neves eternas sob o Equador, a 4.800 metros de altitude. A atmosfera dos lugares altos é menos densa e menos absorvente: a quantidade de calor recebida é maior durante o dia, mas é também muito maior a perda por irradiação, durante a noite. E' por isso que os planaltos do interior da Argélia, da Índia, do México, do Brasil apresentam climas imprevisíveis, apenas considerando as latitudes baixas em que se acham situados.

As superfícies desnudadas aquecem-se mais durante o dia e irradiam mais durante a noite que as outras, cobertas de vegetação, a qual impede uma parte do calor solar atingir o solo; consome outra parte na evaporação dos líquidos e aproveita o resto em todos os múltiplos misteres da vida. Por isso, no Saara, depois de um dia de 40°, pode-se ter uma noite de 0°, tal a intensidade de irradiação, produzindo-se a geada, por condensação do sereno; na Índia, na latitude correspondente, tal não pode acontecer: a vegetação impedirá certamente oscilações tamanhas. Na mesma latitude, o nordeste brasileiro oferece várias regiões desnudadas no Ceará, no Rio Grande do Norte, na Paraíba, em que as médias anuais de temperatura e a amplitude de suas oscilações divergem muito das correspondentes do Pará e do Amazonas, providos de vegetação luxuriante.

Se ajuntarmos as constantes meteorológicas de temperatura, umidade, tensão de vapor da água, direção de ventos, luminosidade, estado elétrico do fator extrínseco, a essas

variantes de latitude, situação marítima ou continental, montanhosa ou ao nível do mar, desnudada ou protegida por vegetação, reconheceremos como é pueril o artifício de riscar no Planeta linhas fictícias obedientes apenas a êste ou àquele subfator isolado. O clima é, e não poderá deixar de ser, uma noção complexa. Essa mesma complexidade nos permitirá ter noção menos esquemática daquilo que se poderá chamar o "clima do Brasil".

Dizer clima do Brasil é grupar, numa só expressão, quase todos os fatos complexos que servem, na prática, para diferençar os climas entre si. Com efeito, o Brasil se há de afirmar que encerra, no vasto território, quase todos os climas da Terra.

Condições de situação geográfica, formação geológica, orientação das montanhas, distribuição fluvial, acidentação de terreno e extensão territorial influem, entre as componentes normais do clima, dando caracteres diversos a zonas em que, sob êste aspecto, se pode dividir o País.

A situação no hemisferio sul, relativamente mais frio, e mais úmido por maior superfície marinha. Se o Equador passa no extremo norte do Brasil, de fato, tôda nossa região acima dessa linha, está situada alguns graus abaixo do Equador térmico que, na América, passa pelo Panamá;

As formações geológicas de algumas regiões do Norte e do centro, em que predominam rochas cristalinas ou metarmóficas, desnudadas em grandes áreas, absorvendo muito calor durante o dia e emitindo calor durante a noite, explicam a tradução revolucionária dêsse nordeste;

A orientação da Serra do Mar, costeando o litoral, de Santa Catarina a Pernambuco, fazendo precipitar-se a umidade dos ventos marítimos na sua vertente oriental, por isso muito úmida, e separando as terras altas do interior, muito mais sêcas, e a direção geral, nordeste-sudoeste, das serras elevadas nestas mesmas terras altas, de Minas ao Ceará, favorável ao curso dos ventos dominantes, os alíseos de NE, que só muito mais adiante se vão condensar e esgotar nos rios derivados;

A distribuição fluvial, muito considerável no Norte, Noroeste, Oeste e Sul do País, deficiente no Nordeste, mal servido de rios pequenos e desprovido mesmo de algum considerável;

As diferenças notáveis de altitude entre a faixa do litoral e os vales dos grandes rios do Norte e do Oeste nas bacias do Amazonas e do Paraná-Paraguai, e o planalto interior que, com variantes de um ponto a outro, muitas vêzes acentuadas, constitue a maior extensão do País;

Finalmente, o enorme domínio territorial de 8.500.000 quilômetros quadrados, estendidos em 39 graus de latitude e outros tantos de longitude, em seus maiores diâmetros, mostram, sem maiores detalhes, como seria difícil traçar na carta geográfica do País zonas climáticas precisas e delimitadas. Os coeficientes confundem-se em regiões diversas, perturbam-se em regiões vizinhas. Para facilidade de compreensão, será melhor adotar como limite natural para os trechos considerados os paralelos geográficos.

Nesta conformidade podem-se, pois, separar no Brasil três zonas, — equatorial, tropical e temperada. Esta classificação não difere quase das consagradas, de Morize e Delgado de Carvalho. Com efeito, ambos dividem o Brasil em três zonas, sensivelmente as mesmas que as nossas, embora os nomes variem.

Afrânio Peixoto:

I *equatorial;*
II *tropical;*
III *temperada;*

Morize:

I *tropical, tórrida ou equatorial;*
II *sub-tropical;*
III *temperada doce;*

Delgado de Carvalho:

I *climas equatoriais e sub-equatoriais;*
II *tropicais e sub-tropicais;*
III *temperados.*

Nêles, nestes últimos autores, o difícil é a delimitação "geográfica" das mesmas três zonas. E' o a que ocorre, com um critério, arbitrário talvez, porque inflexível, porém natural, geográfico, a primeira classificação: o paralelo 10° e o trópico, linhas limitantes.

Não esquecer que uma classificação qualquer é artifício didático para compreender um assunto com suficiente clareza. Nada mais. Não é artigo de fé, nem mesmo de conhecimento.

I. *Zona equatorial,* na vizinhança do equador até ao paralelo 10°, compreendendo os Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e pequena parte de Goiás, Mato Grosso e Baía.

II. *Zona tropical,* entre o paralelo 10° e o trópico de Capricórnio, abrangendo os Estados de Sergipe, Baía, Goiás, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, quase todo Mato Grosso e parte do oeste de S. Paulo.

III. *Zona temperada,* entre o trópico de Capricórnio e o limite sul do País, no paralelo 33° 46', ocupando a parte sul de S. Paulo, os Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Tôdas estas zonas se hão-de subdividir, segundo condições climatéricas de temperatura, distribuição pluvial, e situação marítima ou intra-continental, que as assinalam.

I. A primeira zona tem como característica térmica uma temperatura média de 26-27°. A situação marítima ou interior e a distribuição das chuvas permitem, seguindo Draennert e Morize, considerar três subdivisões:

1.° — Alto Amazonas, incluído o Estado dêste nome;

2.° — Interior do Pará, Maranhão, Piauí, Pernambuco e parte de Mato Grosso;

3.° — Litoral do Pará, Maranhão, Piauí, Pernambuco e Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Alagoas.

O clima do Alto Amazonas é quente e úmido, com oscilações muito limitadas, exceto nos períodos chamados de friagem. Após dias quentes e parados, o termômetro eleva-se consideravelmente, o ar satura-se de umidade, o barômetro deprime-se alguns milímetros, e a tiragem excessiva, daí resultante, chama, substituidoramente, o vento frio dos Andes, em algumas horas, alterando rapidamente o estado atmosférico, produzindo um ambien-

te leve, agradável e muitas vezes frio.

Tem o clima do Amazonas detratores e entusiastas, exagerados uns e outros. O que, porém, se pode apurar de verdadeiro, ouvindo depoimentos como os de Wallace, Agassiz, etc., é que, se, de fato, ao meio-dia, o calor é realmente forte, as manhãs são, entre as 6 e as 8 horas, muito agradáveis e frescas, e as tardes bem suportáveis. Não raro um aguaceiro e, frequentemente, uma brisa ligeira refrescam e purificam o ar. As noites nunca são incômodas. Manaus, no centro da zona, marca pressão a 0° de 756,7mm, 77,6 % de umidade, 2.229mm de chuva por ano e 26°53 de temperatura, em média; o máximo calor observado foi de 37°,5 e o mínimo atingiu 18,8. O vento dominante é SW., alternando calmarias. A friagem ocorre de maio a julho. Chove muito, senão com abundância, ao menos frequentemente. Há dois períodos de sêca e dois de chuva, em cada ano. De janeiro a fevereiro pequena estiagem; de fevereiro a junho, grandes chuvas, cheias de rios que sobem de muitos metros de altura; de julho a outubro grande estiagem; do fim de outubro a dezembro pequenas chuvas e enchentes. À noite, a condensação do vapor de que o ar está sobrecarreado faz que o sereno seja muito abundante, como se houvesse chovido.

No interior dos Estados do Pará, Maranhão, Norte de Mato Grosso, etc., pelo que se pode colher de informações de viajantes e uma ou outra esparsa observação meteorológica, tem aspecto semelhante nos seus coeficientes, mas variável na sua continuidade: mesmo calor e mesma umidade, ventos mais desencadeados e oscilações maiores e muito mais repentinas do termômetro. Os ventos gerais sopram de NW e SE, quentes e úmidos uns, frios outros; como se sucedem sem detença, às vêzes, daí as variações térmicas precipitadas. Para estas concorre também muito o SW, impetuoso e frio, determinando o fenômeno da friagem. Bem que variáveis as características numéricas em região tão dilatada, a média térmica é de 26°,5, chegando a máxima absoluta a 41° ou caindo a mínima a 4°. Se êstes extremos são excepcionais, não é raro assistir, em poucas horas, a oscilações de 20°. Umidade relativa de 74,5%, pressão 0° de 74,5mm., em média. Chuva de 1.600mm. anualmente. Nas terras altas da região, menos quentes e menos úmidas, têm sido observadas no inverno geadas e chuvas de pedra.

O litoral dos Estados do norte, do Pará e Pernambuco e Alagoas, possue clima mais brando em seus índices e menos vário em suas sucessões. A dominante é a pequena amplitude das variações sazonais. Só os ventos e as chuvas alteram a constância dos outros fatores, fazendo a diferenciação das estações, se é possível assim chamar. A temperatura média de 26-27° está no primeiro número em Belém do Pará (26°,2), Natal (26,5), Recife (26,3), Fortaleza (25,7), anda pelo segundo em S. Luiz do Maranhão e Paraíba (27,4). A máxima absoluta não passa, em todos os lugares observados, dos 37°,3 achados no Recife, como não desce da mínima de 16°,3, encontrados aí mesmo. De Belém, a mais úmida, 88 % em mé-

dia, vai-se até Joazeiro, no centro e sul da zona, em que a umidade relativa é de 54. Quanto aos ventos as variantes são acentuadas pela razão da situação geográfica. Sopram do N, ENE quentes e úmidos ou do S, SE, E ordinariamente mais frescos e secos. Em Quixeramobim, na zona sêca, os ventos são quase constantes nos quadrantes entre NNE e SSE, predominando entre ENE e SE na estação chuvosa, e ESE e NE na estiagem. Nas ocasiões de tempestades variam para o S, W e N, mas não se fixam nestes rumos. E' na distribuição pluviométrica, porém, que essa região mais interessa, podendo ser repartida, por isso, em várias outras. Se no Pará, onde chove muito, caem 2.482mm. de chuva, como em S. Luiz 2.455mm. baixa sensivelmente em Natal . . . ou no Recife 1.930mm., o número (1.265mm.), na Paraíba, (1.206 mm.), em Fortaleza (998mm.), descendo mais no interior do Ceará, por exemplo, em Quixeramobim, onde é apenas, em média, de 954mm. Especialmente neste Estado a característica de tôda a zona, quanto à distribuição pluvial — a existência de uma estação sêca, outra chuvosa — é mais absoluta, se assim se deve dizer. Em geral raro chove no período da estiagem. Em onze anos de observação em Quixeramobim houve 2 com 4 meses, seguidos, sem chuva, 3 com 3 meses, e 1 com 2 meses. O que é pior, porém, é que muitas vezes o período de sêca se dilata, invade o subsequente, em que não chove, como era de esperar, e se emenda e se continua com outra quadra sêca.

No Nordeste do Brasil, uma zona que brange parte de três Estados, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, e vários pontos de alguns outros limítrofes, sofre periodicamente dêstes desagradáveis incidentes, chegando a proporções consideráveis em tudo semelhantes aos males idênticos da região semi-árida do Éste americano.

II. — A segunda zona tem como índices térmicos temperatura média de 23-26° nas regiões baixas do litoral e do interior, e de 18-21° nas partes elevadas intermediárias. A situação marítima ou interior, a distribuição dos ventos e das chuvas permitem fazer algumas subdivisões:

1.° — Litoral e recôncavo de Sergipe e Baía;

2.° — Litoral sul da Baía, Espírito Santo, Rio de Janeiro e trecho do nordeste de Minas, confinando com a Baía e Espírito Santo;

3.° — Regiões baixas do interior, dirigindo-se para o vale do Paraguái, compreendidas especialmente no Estado de Mato Grosso;

4.° — Regiões elevadas no interior nos Estados da Baía (Maracás, Monte Alto, etc.), no Rio de Janeiro (Petrópolis, Friburgo, etc)., em Minas (Barbacena, Diamantina, Uberaba, etc.), em S. Paulo (São Carlos do Pinhal, Ribeirão Preto, etc.), para citar um outro ponto mais conhecido, climatologicamente, do imenso planalto interior.

O litoral e o recôncavo de Sergipe e Baía dispõem de clima ameno, pouco variável em suas amplitudes térmicas, que oscilam em média entre 23 e 26°, sendo os meses mais quentes os de dezembro, janeiro e fevereiro, e os mais frescos de junho, julho e agôsto. Chove bastante, com persistência, nestes meses de inverno, mas ainda em outubro,

novembro e no mesmo verão, em precipitações rápidas e abundantes. Os ventos sopram principalmente de SE e de E, de abril a setembro, frios e úmidos, de N e ENE, de outubro a março, úmidos e quentes. Mesmo nos dias mais calmos do verão o calor não é excessivo, e as manhãs, as tardes, as noites dêstes dias quentes são agradabilíssimas, como raramente se encontram em latitudes mais elevadas. A Baía dá exemplo da região, marcando 758,55mm. de pressão a 0°,83,25% de umidade relativa, 1.968mm. de chuva e 24°,52 de temperatura média, tendo até agora o máximo calor observado atingido 34°,8, e o mínimo absoluto 17°. Aracajú, ao N., marca ..... 763,01bb. de pressão, 75,81% de umidade, 1.017mm. de chuva, 25°,87 de temperatura média, 30°,9 e de 19°,2 máxima e mínima absolutas. Ilhéus, ao S., tem números semelhantes: 764,50 de pressão a ..... 0°,84,72% de umidade, 1.896mm. de chuva; 25°,84 de temperatura média, 34°,7 de máxima térmica e 19°,5 de mínima, também absoluta.

O litoral sul da Baía, o Espírito Santo, o nordeste de Minas, o Rio de Janeiro, são mais frescos e tão úmidos quanto as zonas precedentes, orçando a temperatura média por 23-24° e a umidade relativa por 78-90%. As chuvas distribuem-se diferentemente, predominando de dezembro a abril. Canavieiras (Baía), ao norte da zona, tem 759,89mm. de pressão e 0°,89,96% de umidade relativa, 1.708mm. de chuva, 24°,6 de temperatura média, máxima absoluta de 30°,8 e mlnima de 18°,2. No interior e centro da região, Teófilo Otoni (Minas) marca 735,46mm. de pressão, 90,17% de umidade, 1.727mm. de chuva, 25°,26 de temperatura média, máxima absoluta de 35°,4 e mínima de 9°,5. O Rio de Janeiro, Capital do País no sul da região, tem índices mais brandos: 757,33mm. de pressão a 0°,84,8% de umidade, ... 1.091mm. de chuva, 23°,21 de temperatura média, tendo até agora registrado a máxima absoluta de 39° e a mínima de 10°,2. Os ventos dominantes sopram ao SSE e NNW. As estações começam a diferençar-se com clareza, separando o inverno e o verão, nitidamente distintos, dois períodos intermédios, menos característicos, de primavera e outono.

As regiões baixas do interior, compreendendo especialmente Mato Grosso, além do planalto central, de altitude insignificante, apesar de na profundeza do continente, têm clima completamente diferente e em muito semelhante ao da 2.ª região da zona equatorial, já descrita. Mesmo calor, mesma umidade, mesmos ventos impetuosos, mesmas amplas oscilações. Cuiabá, índice da região, marca 745,46mm. de pressão, 74% de umidade, 1.600mm. de chuva, 26°,5 de temperatura média, atingindo a máxima absoluta 41°, descendo a mínima a 4°. Os ventos gerais sopram de NW, quentes e umidos, e de SE secos e frios; sucede, porém, muitas vezes, no verão, o pampeiro, de SW, açoitando tempestades e fazendo abaixamentos súbitos e notáveis de temperatura.

As regiões altas do interior, da Baía a Goiaz, de Minas a S. Paulo, possuem clima agradabilíssimo, pois a altitude, muitas vezes crescida, corrige a pequena latitude para o sul. Mesmo nos lugares em que a altitude não sobreleva, faz-se sentir diferença, para muito menos, em

umidade, comparando ao litoral. Deve-se acrescentar que em numerosas zonas desta região o clima é semelhante ao do sul da Europa. Atestam-no a pujança das árvores e frutos dessas regiões temperadas, aí transplantados com vantagem.

As observações, em muitos lugares afastados em latitude e longitude, dirão melhor que uma impressão deficiente de conjunto. A pressão mais alta em Juiz de Fora (Minas), 729mm, a 0°, é de 716mm. em Ribeirão Preto (S. Paulo), de 705mm. em Campinas (S. Paulo), 703mm. em Uberaba (Minas), para descer a 692mm. em S. Carlos do Pinhal (S. Paulo), a 689mm. em S. João del-Rei (Minas), a 662mm., em Diamantina (Minas). A umidade relativa de 80,90% de S. João del-Rei não atinge êste número em Diamantina (78,85), Nova Friburgo (78,8), Juiz de Fora (77,23), Campinas (77), S. Carlos (70) e Ribeirão Preto (69).

A chuva, que chega em Uberaba a 1.884mm., é menos abundante em Diamantina (1.644mm.), em Campinas (1.444mm.), Juiz de Fora (1.424mm.), Ribeirão Preto ..... (1.433mm.), Nova Friburgo ..... (1.380mm.), ou S. Carlos ..... (1.301mm.). A temperatutra média de 21,4 em Ribeirão Preto é menos elevada em Uberaba (21,2). Juiz de Fora (26,76), Campinas (19,8), S. Carlos (19,6). S. João del-Rei (18,52), Diamantina ..... (18,46), chegando em Nova Friburgo a 17,28. O máximo absoluto de Ribeirão Preto (40) é muito menor em Uberaba (38), Campinas (36,7), Juiz de Fora (36,3). São João del-Rei (33,7), Nova Friburgo (30,2), descendo mesmo em Diamantina a 25,2.

A mínima absoluta mostra bem que a comparação com as regiões temperadas da Europa é justa: não é raro ver o termômetro abaixo de 9°: se em Diamantina êle marca 9°, em Juiz de Fora 2°,5, em Nova Friburgo 1°,0, em S. João del-Rei 0°,5, em Campinas, 0°,2, abaixa-se em Uberaba a 0°,0, em Ribeirão Preto a — 1°,5 e, em S. Carlos, a — 2°,2.

Tôda esta vasta região que se estende do interior da Baía a Goiás, a Minas, a S. Paulo, compreendendo grande parte do Brasil, dispõe, portanto, de clima dos mais belos e propícios à vida do homem.

III. A terceira zona tem como característica térmica, em sua maior extensão, uma temperatura média de 16-19°, aproximando-se e até excedendo êste último nas costas do mar e baixando para o primeiro nas terras do interior. Podem-se assim, considerando a temperatura e o valor das precipitações atmosféricas, distinguir duas regiões:

1.ª — Litoral dos quatro Estados indicados:

2.ª — Terras altas de declive suave na vertente ocidental da Serra do Mar, compreendendo a maior extensão dos Estados de S. Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

O clima do litoral, com pequena diferença, atribuível à latitude, é semelhante em tôda a costa brasileira. Santos, Iguape, Florianópolis, etc., gozam da uniformidade que caracteriza os climas marítimos. A vizinhança da Serra do Mar próxima e empinada na sua vertente oriental, coberta de uma vegetação luxuriante, facilita as precipitações e conserva a umidade, dando índices pluviométrico e higrométrico muito elevados, relativamente. Santos, que

é um exemplo, marca 762,7bb. de chuva, 21,8 de temperatura média, subindo a máxima absoluta a 38°,5 e descendo a mínima a 5°,0. Florianópolis, mais ao S., tem em média, 762,4mm. de pressão, 77,5% de umidade, 1.382mm, de chuva 20°,68 de temperatura, máxima absoluta de 32° e mnima de 5°. Os ventos dominantes sopram no N, SSE, SE.

Nas terras ao ocidente da Serra do Mar, em altitudes variáveis, mas bastante avultadas algumas, deparam-se os mais deliciosos dos nossos climas.

Muito mais frios, em geral muito menos úmidos, têm chuvas frequentes, especialmente no verão, mas ainda em outras épocas do ano. Os ventos dominantes são os de SE, chamados minuano ao Sul, frios e úmidos ordinariamente. O pampeiro de SW é muito mais frio e impetuoso. A neve, a chuva de pedra, não são raras nestas terras. S. Paulo (capital do Estado), Curitiba (Paraná), Pelotas (Rio Grande do Sul), têêm índices meteorológicos comparáveis aos melhores do mundo. A pressão de 760,6mm. em Pelotas, é de 698,4 em S. Paulo, e de 686,9 em Curitiba. A umidade relativa de 83% em S. Paulo baixa a 81 em Curitiba e a 74 em Pelotas. Chove 1.481mm. anualmente em Curitiba, 1.342mm. em S. Paulo, e em Pelotas 1.238mm. A temperatura média de 18°,2 de S. Paulo chega a 18° em Pelotas e desce em Curitiba a 16°,4. A máxima absoluta, que em Pelotas atinge a 40°,8, chega em S. Paulo a 38°,5 e apenas a 37°,4 em Curitiba. A mínima temperatura em S. Paulo, de — 2°,5 abaixa-se em Pelotas a — 3°,5 e vai em Curitiba até — 8°,2, como nas regiões mais temperadas da Europa.

Tem assim o Brasil uma vasta extensão territorial, com quase todos os climas da terra. Deve-se dizer "quase", porque faltam exatamente os extremos: estamos alguns gráus abaixo do equador térmico, que na América passa na América Central e na região do Panamá, e muito aquém das regiões frígidas.

A não ser uma pequena zona ao Nordeste do País, cujas sêcas a arte procura corrigir e vencer pela açudagem e irrigação, quase tôda a vasta superfície do Brasil comporta com facilidade o desenvolvimento e a prosperidade das migrações humanas de todos os cantos do mundo.

Nem se dirá mesmo que para isto se torna precisa aclimação prévia, porque há apenas mistér de escolha adequada entre as diversas zonas climatáticas existentes.

Há sobretudo mister ajudar o clima com hábitos higiênicos, de conformidade, que é apenas juízo. "Em Roma, sêde Romanos"; porque haveríamos de trazer aos trópicos hábitos polares? Mas o desatino, em vez de difamar a si, difamou aos trópicos. Humboldt é quem tem razão: "O homem é animal cosmopolita". Se tem juízo, até, felizmente, cosmopolita. A questão é de juízo e não de clima. Arte de adaptar ou remover o clima...

AOS NOSSOS ASSINANTES

Causa-nos estranheza o fato de recebermos constantemente, da parte de assinantes, reclamações de números de "Educando" ainda não publicados. Já por mais de uma vez explicámos que a assinatura de nossa revista não se vence por meses, e sim por NÚMEROS. Assim, pagos os vinte e quatro ou dezoito cruzeiros correspondentes a uma assinatura, o nosso assinante, em nenhuma hipótese, ficará prejudicado, pois sua assinatura só terminará quando tiver recebido 12 números da revista.

E não foi outro o motivo que nos ditou tal atitude, senão o de nos colocarmos a salvo de qualquer mal-entendido. Não existe, de nossa parte, nenhuma palavra que nos obrigue a fazer sair "Educando" em todos os meses do ano. Não ignoramos que, mais frequente que seja nossa revista, melhor servirá ao professorado. Isto muito nos lisonjeia e nos faz trabalhar com a esperança de que alcançaremos brevemente melhores dias, nos quais possamos amiudar nossas publicações.

Nos dias difíceis e desajudados que atravessamos, porém, melhor nos conviriam a compreensão e o auxílio de nossos assinantes que, estamos certos, desejam a existência de "Educando" com a influência benéfica e evidente que vem prestando ao nosso esfôrço educacional.

E' êsse também o nosso desejo e, para realizá-lo, aquí estamos procurando conjugar ao máximo ponto esfôrço, boa vontade e compreensão.

RETIFICAÇÃO

Em "Instantâneos urbanos", de J. Carlos Lisboa, à página 597 de nosso número anterior, saíu, a nosso pesar, grafado *quarenta*, onde devera estar *quatrocentos*. Notado como foi o êrro, aquí vai de novo todo o trecho, a bem do acêrto das cousas:

"Só uma editora de São Paulo põe aquí anualmente quatrocentos e poucos contos de suas edições."

Todos os livros mencionados nesta revista são encontrados na

PAPELARIA REX LIVRARIA

10 o/o DE ABATIMENTO PARA PROFESSORAS

PRAÇA 7 (ao lado da Casa Bristol)

A PRINCESA IRMÃ DA COBRA OU "A PRINCESA COBRA"

Publicada, a pedido, por, vir indicada no "Programa em Experiencia"

Era uma vez uma raínha que vivia muito triste, por nunca ter tido filhos, e repetia constantemente estas palavras:

— *"Permita Deus que eu tenha nem que seja uma cobra"*.

Passado algum tempo, nasceu-lhe uma menina com uma cobrinha enroscada no pescoço. O rei, a raínha e todos os parentes ficaram muito desgostosos, mas não se podia tirar a cobra do pescoço da criança. Resultou daí que elas foram crescendo juntas e que a menina ficou querendo muito bem à sua companheira.

Quando a princesa estava já mocinha, ia passear pela praia, e lá a cobra a deixava e fugia, entrando pelo mar a dentro; mas a moça chorava e o bicho voltava e, enroscando-se no pescoço da amiga, ia de novo com ela para o palácio, sem que ninguém soubesse de nada.

Um dia a cobra disse à princesa que, se alguma vez estivesse em perigo, chamasse por ela; e entrou pelo mar, não voltando mais.

Passados anos, caíu doente a raínha e, na hora de morrer, tirou um anel do dedo e disse ao rei:

— *"Quando tiveres de casar outra vez, há de ser com uma princesa que possa enfiar no dedo êste anel, sem que êle fique frouxo, nem apertado"*.

Algum tempo depois, o rei quis se casar e mandou experimentar o anel nos dedos de tôdas as princesas conhecidas; não serviu no de nenhuma.

Só faltava experimentar a jóia no dedo da princesinha Maria, filha do rei. Experimentou-se o anel e êle serviu exatamente como tinha dito a rainha.

Ouvindo o pai dizer que queria casar-se com ela, Maria ficou desesperada e passava os dias chorando. De-repente, lembrou-se da sua antiga companheira. Correu à praia e gritou por ela. Imediatamente apareceu a cobra, que depois de ouvir a triste história da princesa, disse a esta:

— "Não tenha mêdo: diga ao rei que só casará se êle lhe der um vestido da côr do campo, com tôdas as flores."

Assim fez a princesa, e o rei levou muito tempo a procurar o vestido, até que o encontrou. Sabendo disso, a princesa tornou a ficar muito aflita, correu à beira do mar e chamou outra vez a cobra, que apareceu e lhe disse:

— "Diga que só casará se êle lhe der um vestido da côr do mar, com todos os peixes".

A princesa assim fez, e o rei levou muito tempo a procurar o vestido, até que, por fim, o encontrou.

A princesa correu de novo à praia e pediu socorro à cobra, que lhe dis-

se: "Diga que só casará se êle lhe der um vestido da côr do céu, com tôdas as estrêlas."

O rei gastou ainda mais tempo do que das outras vezes, mas, afinal, encontrou o vestido.

A princesa, vendo-se perdida, correu para o mar e chamou a amiga. Esta tinha preparado um bonito navio onde fez Maria embarcar, dizendo-lhe que saltasse no reino onde êle parasse, e que aí havia de encontrar um príncipe, com quem se casaria. A moça seguiu viagem e foi saltar no reino em que o navio parou. Lá dirigiu-se para o palácio e pediu um emprêgo à rainha, que a mandou tomar conta das galinhas do rei.

Todos ficaram admirados de ver aquela moça tão rica e tão bonita. O príncipe Jasmim, filho do rei, ficou logo apaixonado por ela.

Antes de acabada a festa, a moça partiu na sua carruagem, foi para a casa, mudou a roupa e começou a tratar das galinhas. O príncipe, quando chegou ao palácio, disse à rainha:

— "Viu, minha mãe, que linda moça apareceu hoje na festa? Só uma pessoa se parece com ela: é a ciadora de galinhas."

— "Não diga isso, meu filho! Então aquela pobre, tôda esmolambada, tinha lá roupa e carruagem para ir à festa?"

O príncipe foi onde estava a criada e lhe disse:

— "Eu hoje vi na festa uma moça que era como se fosses tu!

Maria respondeu:

— "Vossa Alteza está caçoando comigo: quem sou eu para ir a festas?!"

No outro dia lá foi a criadora de galinhas com o seu vestido da côr do mar com todos os peixes, e numa carruagem ainda mais rica do que a primeira.

Todos se mostraram admirados e o príncipe ficou ainda mais apaixonado.

No terceiro dia, a mesma cousa: Maria levou o vestido da côr do céu com tôdas as estrêlas.

O príncipe foi se pôr ao pé dela e atirou-lhe no colo um grande brilhante, que ela guardou. Maria saíu antes da festa acabada e, como os cavalos da carruagem voavam, ninguém pôde acompanhá-la.

Chegando ao palácio, o príncipe caíu doente de paixão e foi para a cama, não querendo tomar nem um caldo.

A rainha pedia a tôdas as pessoas para verem se êle aceitava algum alimento, mas nada conseguia. Afinal, só faltava a criadora de galinhas, e a rainha mandou chamá-la, pedindo-lhe que levasse o caldo ao príncipe. Ele respondeu assim: — "Quem sou eu, para o príncipe aceitar alguma cousa da minha mão? O que eu posso fazer é preparar um caldo para mandar a êle."

A rainha concordou. Maria preparou o caldo e pôs dentro da chícara o brilhante que o príncipe lhe havia dado na igreja. Quando êle meteu a colher e viu a pedra brilhando, pulou da cama, contente, dizendo que estava bom e que queria casar-se com aquela moça que servia de criadora de galinhas.

Mandaram chamar a formosa Maria, que se apresentou já pronta, como no terceiro dia de festa. Houve muita alegria em todo o reino e foi logo celebrado o casamento do príncipe Jasmim com a princesinha Maria.

RÁDIO INCONFIDÊNCIA

Como veículo de divulgação e como orgão educativo, a rádio-difusão impôs-se universalmente. Os mais modestos lares já não dispensam um aparelho receptor, como diversão ou fonte informativa para a criança, o adulto, o rico e o pobre.

Minas foi o primeiro Estado da União a instalar uma emissora oficial, de alta potência: a RÁDIO INCONFIDÊNCIA DE MINAS GERAIS, com o prefixo PRI-3.

Iniciou suas atividades em setembro de 1936, ao ensejo do Congresso Eucarístico Nacional, que então se realizava em Belo Horizonte.

Desde o início, a RÁDIO INCONFIDÊNCIA volveu sua atuação para os assuntos de maior interêsse e utilidade sociais, de caráter educativo, de acôrdo com os objetivos governamentais que a inspiraram. Surgiram numerosos programas, logo popularizados: Hora do Fazendeiro, Hora Escolar, Hora Infantil, Hora de Higiene, Hora de Estatística, Hora do Comércio, Hora do Universitário, Jornais Falados, Páginas Lidas e Vividas, Caleidoscópio, Nos Livros e nos Tribunais e outros, além de audições de caráter cívico em todas as grandes datas nacionais e em todos os acontecimentos de relêvo.

Ampliando sua função divulgadora, é realizada pela RÁDIO INCONFIDÊNCIA uma propaganda intensa e permanente por meio de comunicações, notas, comentários, esclarecimentos, informações orais e escritas ou rádio-difundidas, de fotografias, clichês, gráficos e filmes. Todos estes elementos de propaganda são distribuidos no País e no estrangeiro, enviados às entidades que mais se interessam pelo conhecimento da realidade mineira.

A RÁDIO INCONFIDÊNCIA tem ainda possibilitado a revelação e a formação de artistas, vários deles vitoriosos no "broadcasting" nacional. E de acôrdo com o seu programa de divulgação artística, tem contratado nomes de grande relêvo na música, nacionais e estrangeiros, para audições de grande sucesso, em série jamais interrompida.

Seu alcance cobre todo o território nacional, recebendo das mais diversas procedências grande volume de correspondência em sua maioria dos ouvintes consulentes, interessados em vários assuntos que constituem objeto dos programas irradiados.

E' curioso observar que as irradiações da RÁDIO INCONFIDÊNCIA têm interessado até nos Estados Unidos, que foram objeto de um programa organizado e emitido especialmente para atender a pedidos vindos da América do Norte.

★★★★

ECONOMIA

Nos dias difíceis que correm, e que nos levam a um futuro mais duvidoso ainda, o hábito da economia é certamente de valor inestimável.

Ser previdente afim de enfrentar calmamente as necessidades que possam surgir é o dever de cada um e o desejo de todos. Atendendo a êsse legítimo dever e salutar desejo, há uma instituição que oferece o apôio necessário à realização da economia, como base de prosperidade: A CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL. Oferecendo juros vantajosos segue de perto os interesses de seus depositantes, facilitando-lhes a aquisição de cadernetas, visto que o depósito mínimo está ao alcance de todos.

Com CINCO CRUZEIROS — Cr $5,00 — abre-se uma conta na CAIXA ECONÔMICA. Inicia-se com essa quantia mínima o caminho para a prosperidade, porque os que sabem economizar com inteligência, terão bem cedo sua recompensa.

A CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

ESPERA VOSSA VISITA E VOS DEIXA POR HOJE UM CONSELHO:

ECONOMIZAI, GUARDANDO VOSSO VINTEM

NA

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

PORQUE

"VINTEM POUPADO, VINTEM GANHO"

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL: Rua da Baía, 1635

Origem: Doação
Preço: ←